

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Alessandra Mesanelli Busch

**ANÁLISE DAS MANIFESTAÇÕES
AGRESSIVAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Campinas
2010

Alessandra Mesanelli Busch

**Análise das manifestações agressivas nas aulas
de Educação Física do ensino fundamental II**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade Estadual
de Campinas para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Elaine Prodócimo

Campinas
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP

B96a Busch, Alessandra Mesanelli.
Análise das manifestações agressivas nas aulas de educação física do ensino fundamental II / Alessandra Mesanelli Busch. - Campinas, SP: [s.n], 2010.

Orientador: Elaine Prodócimo.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Agressividade nas crianças. 2. Educação física. 3. Psicanálise. 4. Relações de poder. I. Prodócimo, Elaine. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

asm/fef

Título em inglês: Analysis of aggressiveness manifestations in physical education classes of Junior High School.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Agressiveness. Physical education. Psychoanalysis. Power relations

Data da defesa: 06/12/2010.

Alessandra Mesanelli Busch

**Análise das manifestações agressivas nas aulas de
Educação Física do ensino fundamental II**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Alessandra Mesanelli Busch e aprovado pela Comissão julgadora em: 06 / 12 / 2010.

Prof. Dra. Elaine Prodócimo
orientador

Prof. Ms. Afonsa Janaína Silva

Campinas
2010

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que fizeram parte dele, direta ou indiretamente.

Aos meus pais, que em primeiro lugar me deram essa vida, e sustentaram meus estudos, suportaram minhas crises, enfim, sempre estiveram, incondicionalmente, ao meu lado no que eu precisasse;

Aos meus irmãos, que sempre estavam prontos para me ajudar tanto nas pequenas coisas, como nas grandes. Haja malas para carregar até o carro!

A minha família espiritual, que iluminou meus pensamentos e me deu força nas horas mais difíceis, incentivando-me a seguir em frente sempre;

Aos meus amigos, que me ajudaram a esvaziar os pensamentos quando estavam muito cheios, falavam o que eu precisava ouvir, e não o que eu queria, que me puxavam de volta para o chão quando estava voando, assim como me ensinavam a voar quando ficava presa demais a realidade;

A minha orientadora, que, sempre paciente, acreditou em mim e nesse trabalho!

Ao Taekwon Do, arte marcial da qual sou praticante, que me proporcionou a disciplina necessária para os meus estudos e a autoconfiança necessária para a apresentação deste trabalho;

A academia Harmonia, que é minha segunda família.

Enfim, a todos os pontos de tinta dessa aquarela: aos alunos observados, aos professores entrevistados, e à diretoria, a todos os funcionários da escola participante da pesquisa.

Agradecimentos

Obrigada!

A todos que participaram de minhas divagações

A todos que me permitiram caminhar

Pais, irmãos, amigos, mestres

A cada gesto de apoio

A cada palavra

A cada olhar

A confiança

Ao amor!

BUSCH, Alessandra. **Análise das manifestações agressivas nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental II**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RESUMO

O foco deste estudo é a análise das manifestações agressivas da sexta série do Ensino Fundamental II de uma escola da rede pública de Campinas, interior de São Paulo, durante as aulas de Educação Física. Considera-se que o corpo está em movimento durante essas aulas, portanto, mais livre e exposto. Logo, essa exposição traz a tona tanto as potencialidades quanto os limites dos alunos, cedendo espaço às manifestações agressivas entre os pares. Por meio de uma pesquisa qualitativa observamos, registramos e analisamos as aulas, completando o estudo com mais duas entrevistas, uma feita com o professor de Educação Física e a outra com a coordenadora pedagógica da escola, transcritas e também analisadas. As aulas observadas mostraram que o tipo de agressão mais frequente ocorrida foi verbal, e também vimos como as palavras ditas pelo professor e seus gestos podem ser uma boa ou má influência para eles. Outro ponto que devemos chamar atenção é para a exclusão, ou auto – exclusão, causada pela baixa auto – estima do aluno associada a chateações e humilhações vindas dos outros estudantes. Considera-se que deve haver um trabalho de integração entre os pares, bem como conscientizar-lhes do prejuízo causado às vítimas de agressão e violência. O papel do professor é mediar as ações dos alunos, auxiliando-lhes na resolução dos conflitos. É importante promover na escola atividades de conscientização sobre a violência, que envolvam também as famílias dos alunos, para que aprendam a lidar com esse fenômeno.

Palavras chaves: Agressividade; Educação Física; Psicanálise; Relações de Poder

BUSCH, Alessandra. **Analysis of aggressiveness manifestations in Physical Education classes of Junior High School**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ABSTRACT

The focus of this study is the analysis of aggressive manifestations of sixth grade of elementary II of a public school in Campinas, São Paulo, during physical education classes. It is understood that the body is in motion during these lessons, so he is freer and exposed. Therefore, this exhibition brings out both the potential and the limits of the students, giving way to aggressive manifestations among peers. We noted, collect and analyze lessons, completing the study with two interviews: the first done with a physical education teacher, the second with the school's educational coordinator, than they are transcribed and analyzed through a qualitative research. The observed lessons showed that the most frequent type of aggression was verbal, and we saw too how the words said by the teacher and his action could be a good or bad influence for them. Another point to consider is the student exclusion or student self – exclusion caused by his low self – esteem born of annoyance and humiliation coming from the other students. Finally it is considered that there should be an integration work between the students to educate them about the damage caused by the aggressive behavior and the violence of their actions can do to their classmate. One of the teacher's must is to mediate the student's actions and help them in conflicts solving. It is important to do awareness activities on violence and bring the student's families to the school to learn how to deal with this phenomenon.

Keywords: Aggressiveness; Physical Education; Psychoanalysis; Power Relations

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

FEE Faculdade de Educação Física

EF Educação Física

UNICAMP Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 Introdução	17
2 Agressividade	25
2.1 Sob o olhar da psicanálise	25
2.2 A Escola, a Educação Física e a Violência	29
3 A pesquisa de campo	35
4 Resultados	39
4.1 As observações	42
4.2 As entrevistas	46
4.3 Análise geral	52
5 Considerações finais	55
Referências	59
Anexos e Apêndice	63

1. Introdução

Considero que todo texto traz um pouco da história de vida do seu autor. Para mim, falar sobre agressividade é um tipo de desabafo e esclarecimento. O primeiro por ver nesse estudo uma forma de contribuir, mesmo em pequena escala, para a sua diminuição, visto que também fiz parte de um contexto escolar complicado, com casos de bullying e desrespeito entre os pares. O segundo, por tentar enxergar de um ponto um pouco mais privilegiado como se dá essa dinâmica da agressão e violência na escola, especificamente nas aulas de Educação Física.

A Faculdade de Educação Física foi o cenário do início da minha peça. Em meio a um ambiente competitivo e frustrante, não via meios de aprender entre meus próprios colegas. Errar era motivo para, no mínimo, ser excluído. Logo pensei, a história se repetia. Pois durante minha vida escolar mais de uma vez fiz parte e presenciei situações com meus amigos de exclusão, agressão física e verbal, bullying, entre outras manifestações de agressividade e violência que interferiam no desempenho do aluno durante as aulas.

Meu corpo, exposto como nunca estive antes, gritava por um espaço, que descobri no mundo das lutas. Será que por haver maior respeito pelo próximo? Será que por haver mais regras e obediência a elas?

Por outro lado, sempre me interessei por conhecer o ser humano e entender porque ele age como age nas diversas situações. Assim, na graduação, busquei pela área da psicologia. A psicanálise de Freud, seguida pela de Winnicott, e alicerçada por estudos mais recentes de um apanhado de autores com o mesmo interesse, focando a agressividade e a violência nas escolas como Fante (2005), Tognetta, Vinha (2007), Guimarães (2005) representou grande parte desse estudo.

Ainda não satisfeita, busquei a sociologia de Foucault que somou-se a essas idéias, complementando-as. Pois o meio externo, que é fundamental do processo do desenvolvimento emocional do indivíduo, é formado pela sociedade e suas normas. A questão é quem as rege e se elas são obedecidas, pois delas estabelecem-se as relações de poder que controlam o ser humano e suas ações.

O estudo se completou ao estabelecer relações entre esses campos: a psicanálise, que estuda o indivíduo, e a sociologia, que estuda o coletivo. Há muitos estudos isolados desses campos, mas há também uma interdependência entre eles, pois não dá para

isolar o indivíduo da sociedade e sua cultura, que exerce influência em suas ações, seja direta ou indiretamente. Sabemos que nossas ações resultam da soma de nossa herança genética com o meio externo.

Para isso, contei com a colaboração de uma escola pública do município de Campinas, onde observei algumas aulas de Educação Física de duas turmas, de aproximadamente 25 alunos cada uma, da sexta série ¹, e também obtive por meio de uma entrevista a opinião do professor e da coordenadora pedagógica da escola, que solicitamente se dispuseram a responder a algumas perguntas.

Sabemos que o conceito sobre agressividade é diferente do conceito sobre violência, mas, neste trabalho, vamos levar em consideração que um está intrínseco ao outro, acreditamos que não haja violência sem agressividade, embora nem todo comportamento agressivo seja visto como violento. Isso não afetará o estudo em questão.

Shaffer (2005) define a agressividade como um comportamento que tem a intenção de machucar ou causar dano a alguém. Segundo ele, otimizar as competências interpessoais dos alunos é uma forma de conter esse tipo de comportamento nas escolas. Por outro lado, num ambiente familiar coercivo a agressão influi na conduta agressiva ou repressão por parte de seus membros, refletindo em suas ações.

Abramovay (2003) analisa em sua obra *Escola e Violência*, jovens em situação de vulnerabilidade social e violências vividas por eles, como a discriminação, os tipos de lazer, envolvimento com drogas, a violência doméstica e institucional, o cotidiano nas escolas, reações às agressões na escola, caracterização dos grupos de alunos, dentre outros temas que refletem a violência atual. A autora mostra que a violência está presente tanto nos estabelecimentos públicos quanto nos privados, e que resulta em graves consequências para os alunos, prejudicando seu desenvolvimento emocional.

No contexto social atual alguns comportamentos agressivos tomam dimensões indesejáveis para a sociedade, por isso faz-se necessário ampliar os estudos nessa área na tentativa de, por meio também da educação, diminuir o número desses casos.

A escola é uma das responsáveis pela educação do indivíduo e uma boa parte da vida é gasta indo a este lugar, no qual é necessário aprender a conviver com diferentes pessoas em diferentes situações.

O comportamento agressivo, intolerante e desrespeitoso na escola provoca inquietações nas pessoas realmente preocupadas com a educação. Entretanto, pouco tem sido

¹ A escola ainda não converteu a nomenclatura, por esse motivo optei por usá-la dessa forma.

feito para mudar esse quadro.

A agressão termina muitas vezes por comprometer a vida do aluno seja psicológica, emocional, social ou mesmo fisicamente. Muitos sintomas psicossomáticos manifestam-se em estudantes vítimas de agressão que chegam a abandonar sua vida escolar em alguns casos.

No entanto, ser agressivo faz parte do ser humano, mas há níveis e formas diferentes de agressividade. Sabe-se que há tanto fatores internos quanto externos que a influenciam. O meio social cobra e instiga comportamentos competitivos devido à sua estrutura, a qual prioriza vencer a qualquer custo e com isso submete os indivíduos as relações de poder que giram a grande roda da sociedade. Assim, muitos fatores externos contribuem para criar um ambiente nocivo nas escolas, que afeta o aprendizado e a formação do aluno.

A grande preocupação é que as manifestações de comportamentos agressivos nas escolas têm-se tornado cada vez mais frequentes, o que leva à realização de estudos nesse campo. Mas estudos só não bastam para contê-las, é necessário “colocar a mão na massa”. Muitos são os prejudicados pela agressão, tanto física quanto verbal, levando estilhaços desse espelho para a vida adulta.

A agressividade para qual há um grande interesse hoje em dia é a mesma que já existia? Deve-se considerar que com a globalização e o aumento de acesso às informações, fatos que antes eram inacessíveis pela distância existente entre os países e continentes do mundo, venham à tona. Talvez, a intensidade dos casos tenha uma maior incidência, devido ao crescente nível de cobrança, e à falta de tempo da família moderna para dedicar-se à educação das crianças. Mas sabe-se que a agressão e a violência sempre fizeram parte da vida do indivíduo e do contexto social.

Há tanto fatores internos quanto externos que desencadeiam esses comportamentos. Para exemplificar esses fatores temos a família, os amigos, a sociedade, as características psicológicas (este último como fator interno). O comportamento agressivo recebe influências também da cultura de cada grupo social, dos costumes da época, do espaço, da situação econômica, dentre outros fatores.

A escola, como parte da sociedade, impõe uma relação de poder sobre os seus alunos, que constantemente buscam por limites, por vezes, não bem trabalhados em casa.

Por conseguinte, esse trabalho pode servir como um alerta para aqueles que não sabem a medida de castigar ou repreender, nem mesmo o que fazer frente a uma situação de agressividade ou violência. A falta de preparo de muitos professores para lidar com essas situações, entre outros fatores, permite que elas se perpetuem, perturbando o ambiente

escolar.

Apesar de não ser o foco principal do projeto, o tema gênero aparece como indutor de algumas manifestações agressivas, em que a identidade feminina apresenta-se como um ponto fraco nas relações de poder segundo Louro (1997). A escola delimita espaços e também produz diferenças. (FOUCAULT, 1987)

Tornando à agressividade, sabe-se que existem diferentes olhares sobre ela. Para Freud (1974) ela é inata ao ser humano, em seu ponto de vista ela é diferente da violência, pois se relaciona a uma energia que impulsiona para a ação, composta por dois pólos, um destrutivo e outro construtivo, ou seja, todos vivem a necessidade da destruição, mas ela, em si, não pode ser caracterizada como violência. Para Freud devemos canalizar esses instintos para outro lugar, para atividades que sejam adequadas socialmente.

Caminhando ainda pela psicanálise, Winnicott (2005) também cita a necessidade de viver-se essa destruição para que, por meio do sentimento de culpa, possa-se transformar um comportamento destrutivo em construtivo. Logo, não se deve inibir o comportamento agressivo, mas sim trabalhá-lo da melhor forma possível, através da reflexão e conscientização das ações do sujeito.

Dentre os vários tipos de manifestações agressivas encontradas na escola, merece destaque o *bullying*, que, como Cavalcante (2004) menciona em seu artigo, se traduz em brincadeiras que machucam a alma, por isso é preciso saber identificá-lo e saber como lidar com ele para que não represente um perigo para os alunos e para a escola.

Seu destaque deve-se em parte à gravidade dos casos que vitimizaram muitos jovens nos massacres ocorridos em algumas escolas, como o de Columbine nos EUA, e isso colocou a população em estado de alerta. Parece que precisamos chegar a um ponto crítico para reagir à violência, e isso realmente é preocupante.

Fante (2005) estuda o fenômeno bullying e defende uma conscientização crítica dos alunos para diminuir a violência nas escolas. Lopes Neto (2005) também define o bullying como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que são executadas dentro de uma relação de poder. Elas ocorrem sem motivação aparente e partem de um ou mais estudantes contra outro(s), podendo causar sérios problemas emocionais e de saúde na pessoa agredida, que somatiza os sintomas projetando-os em dores físicas e barreiras emocionais difíceis de serem quebradas. (LOPES NETO, 2005)

Segundo pesquisas, o *bullying* é manifestado principalmente nos espaços mais livres como nas horas de entrada e saída, e no recreio, quando ocorre a maior parte de suas manifestações, pois, o controle dos alunos é consideravelmente menor que durante o

período de aula.

Há três tipos de personagens envolvidos no *bullying*: vítima, agressor e testemunha. Na maioria das vezes as vítimas de *bullying* sofrem em silêncio, pois não conseguem lidar com essa situação e não podem revelá-las às outras pessoas por sofrer ameaça, além de serem abandonadas pelos colegas. Em geral, as vítimas são inseguras, com baixa auto-estima (que piora com as críticas sofridas) e pouco sociáveis.

Já os agressores são caracterizados pela sua popularidade, são impulsivos, confiantes e geralmente mais fortes que seu alvo. As testemunhas são os alunos que não se envolvem, e, geralmente, não delatam o agressor e se afastam das vítimas por medo. Todos eles sofrem consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo (LOPES NETO, 2005).

Num editorial recente da Revista Brasileira de Educação Médica, Palácios e Rego (2005, p. 3) ressaltam algumas ações, que segundo a ABRAPIA (Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência) caracterizam o *bullying* como: “colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences”.

A Educação Física é uma disciplina curricular sobre a cultura corporal e suas diversas manifestações, em que o corpo, antes preso nas carteiras da sala de aula, passa a ser livre para criar. Mas nem todos se alegram ao “descer para a quadra”², pois, não é possível negar certo desconforto que muitos sentem quando chega o momento dessa aula. Na hora de ir para a quadra ou outro espaço destinado à prática, quem já foi vítima de chacotas por ser o mais “gordinho”, “lerdinho”, não enxergar ou escutar bem, ser distraído, desatento ou simplesmente posto de lado pelos colegas por não saber jogar determinada modalidade certamente não possui boas lembranças das aulas de Educação Física. Eis aqui uma história menos rara do que se imagina.

Logo, nota-se que uma particularidade da Educação Física em relação às outras disciplinas é que ela conta com uma maior exposição dos alunos nas aulas. Algumas atividades, principalmente de cunho competitivo, colocam em evidência particularidades que dentro da sala de aula passam despercebidas, por ser um espaço privilegiado para a comunicação coletiva.

Kunz (2003) fala sobre uma educação emancipatória, que caminha na mesma direção de Paulo Freire. Para esse autor, a escola é capaz de redimensionar

² Expressão muitas vezes usada para referir-se à ida às aulas de EF.

subjetividades, transformando a forma de conhecer o mundo. Ele também reforça a importância da reflexão no trabalho pedagógico, e coloca a educação física como importante campo de estudo e reflexão para atender a todos os alunos, e não a uma minoria.

Para Valter Bracht (1999) a educação corporal é a educação do comportamento, portanto ao educar o corpo, educa-se o comportamento humano (suas ações e atitudes). Destaca três tipos de educação: a intelectual, a física e a moral, apontando falhas no sistema educacional com esta última. Deve-se priorizar os valores humanos e sociais além dos conhecimentos técnicos, pois eles conduzem nossas ações nas relações sociais.

A Educação Física segundo Dias (1996, p.27) “faz parte de uma prática coletiva que pode facilitar mudanças de atitudes e comportamentos”. A autora enfatiza o papel que a educação física exerce sobre o domínio da agressividade, liberada no gesto, ao poder trabalhar com valores como a criatividade, a afetividade e a socialização entre os alunos.

Dias (1996) fala também sobre o papel do professor como de facilitador de descobertas. Ele deve intervir na organização das estruturas ambientais e na orientação de certas atividades, dando a possibilidade do aluno se integrar e perceber por si mesmo os limites de suas ações. Logo, esse deve fazer o papel de estimular no aluno uma consciência crítica, cabendo a ele decidir e tomar frente de suas ações. Essa intervenção, na educação física pode ser feita por meio de atividades cooperativas, que enfatizam a participação e a sua auto – estima. Assim, como parte da educação escolar, a Educação Física deve incutir valores morais em suas aulas que indiretamente ajudem a transformar atitudes agressivas em atitudes de cooperação e respeito, contribuindo por meio de propostas criativas para a transformação da sociedade pelo cultivo de condutas mais nobres no ser humano.

Aquino (1996) organiza em *Indisciplina na Escola – alternativas teóricas e práticas*, um livro sobre várias visões da indisciplina, associada à psicanálise, relação professor-aluno, relações de poder, cotidiano escolar, moralidade, violência. Neste último item, a autora Guimarães aprofunda-se nos estudos do sociólogo Michel Maffesoli para introduzir o conceito de violência, e relacioná-lo com a escola, um lugar planejado para moldar cidadãos, através de mecanismos disciplinares, homogeneizando-os, e, portanto, um lugar intolerante quanto às diferenças, mas que por outro lado possui forças de resistência antagônicas que brigam contra suas regras.

Algumas obras que pautam sobre direitos humanos reforçam os nossos direitos como cidadãos, inclusive em relação à violência. Aquino (2001) no livro *Os Direitos Humanos na Sala de Aula: a ética como tema transversal*, trabalha com o documento DUDH

(Declaração Universal dos Direitos Humanos), elaborado pela ONU em 1948 que tem como pressupostos básicos a justiça, a igualdade, a equidade e a solidariedade. Para ele, compreender e aplicar os conceitos encontrados nesse documento é um passo importante para trabalhar os valores nos seres humanos. Ele valoriza uma educação baseada em condutas e valores morais, não somente em conteúdos. A conscientização dos próprios atos requer uma educação diferenciada, mais humana, que desenvolva a autonomia e o senso crítico dos indivíduos. A ética deve estar presente em todas as disciplinas.

A UNESCO compilou dados sobre a violência nas escolas em algumas obras recentes, organizadas por autores que estudam a área. Dentre elas estão:

- *Violência nas escolas e políticas públicas*; organizada por Eric Debarbieux e Catherine Blaya (2002), que reúne artigos sobre a violência juvenil nas escolas do Brasil, história da violência, violência associada à política, propostas de como evitá-las, exemplos de violência nas escolas em outros países, violência e a formação de professores, dentre outros assuntos que são bem pertinentes ao tema do projeto em questão, tendo como destaque o artigo de Farrington (2002) que associa a agressividade infantil à violência juvenil, expondo dados de algumas pesquisas feitas na Suécia e Finlândia, por meio das quais ele comprova sua tese, visto que o nível de agressividade avaliado em crianças de 8 a 14 anos foi um indicador significativo no registro de casos de comportamentos violentos na idade inferior aos 20 anos. O nível de comportamento agressivo e manifestações de violência é classificado por ele levando em conta: família, faixa etária, fatores psicológicos e sociais e fatores circunstanciais;
- *Violência nas escolas – dez abordagens européias*, que possui os mesmos organizadores, Debarbieux e Blaya (2002) e acrescenta ao tema da violência a visão de algumas regiões da Europa, suas condutas morais para lidar com a violência e análises de cada contexto com suas particularidades culturais, que nos dá várias visões sobre o tema;

O foco deste estudo foi de responder a algumas questões como: ocorrem manifestações agressivas em aulas de EF? Como são essas manifestações? O que influencia nas mesmas? Qual tipo agressividade predomina nas aulas de Educação Física? A agressividade presente nas aulas de Educação Física influencia a participação do aluno nessas aulas? O comportamento agressivo pode ser derivado da exposição das habilidades individuais dos alunos nas aulas de Educação Física? Há determinadas atividades nas aulas de Educação Física que favorecem a manifestação da agressividade entre os alunos? O professor

percebe e compreende essas manifestações? Como lida com elas? Como o professor pode intervir caso identifique esses comportamentos nas aulas?

O objetivo dessa pesquisa foi de observar e analisar as manifestações de agressividade mais frequentes nas aulas de Educação Física, como o contexto das aulas pode influenciar nesse comportamento e saber qual a posição do professor diante das manifestações agressivas.

Logo, realizou-se uma pesquisa qualitativa, com observações das aulas de Educação Física da sexta série do Ensino Fundamental II, sem intervenção alguma por parte do pesquisador durante as observações. Bem como foi feita uma entrevista semi estruturada com professor de educação física e a coordenadora pedagógica da escola, complementando as informações, com o intuito de saber qual o ponto de vista deles sobre a agressividade e a forma com a qual eles lidam com ela.

2. Agressividade

2.1 Sob o olhar da psicanálise

Para Freud (1974) a agressividade é inata ao ser humano. Em seu ponto de vista, ela é diferente da violência, pois, se relaciona a uma energia que impulsiona para a ação composta por dois pólos, um destrutivo e outro construtivo, ou seja, todos vivem a necessidade da destruição, mas ela, em si, não pode ser caracterizada como violência. Temos a necessidade de viver a destruição, e para Freud devemos canalizar esses instintos para outro lugar.

Para viver em civilização precisamos renunciar a grande parte de nossos instintos. Freud explica que o homem possui uma inclinação natural para a agressão. Ela é controlada pelos mecanismos psíquicos reativos e pelos limites impostos pela civilização.

Souza (2008) ³, baseada em Freud, comenta que a mente de um indivíduo divide-se em três regiões: EGO, SUPEREGO e INCONSCIENTE. O EGO é o que nós somos originalmente e ele serve á três “senhores”: o mundo externo, o SUPEREGO e o ID, ele percebe e controla nossos instintos e é a nossa razão e bom senso para agir. A consciência é uma instância do EGO responsável pelo julgar e punir.

O ID é a parte inacessível de nossa personalidade, uma parte desorganizada, instintual. Ele não distingue o bem do mal, não faz julgamentos de valores, possui características primitivas e irracionais. O princípio do prazer domina os eventos do ID.

O SUPEREGO é uma instancia observadora, separada do EGO. Suas funções são de auto – observação da consciência e manter o ideal do EGO. É pelo SUPEREGO que o EGO se avalia. O nosso sentimento de culpa nasce da tensão entre o EGO e o SUPEREGO. Este é responsável por controlar as manifestações de agressividade para com o meio externo. Quanto mais íntegro o indivíduo mais severo é seu SUPEREGO.

O papel que é assumido pelo SUPEREGO, inicialmente, depende dos pais. Quanto mais severos, mais o SUPEREGO será severo, pois ele assume o lugar da instancia parental. O SUPEREGO freia as ações do EGO, que, por medo, obedece as suas ordens, mas

³ Informações fornecidas pela Prof. ^a Regina Maria de Souza, na disciplina EL 511 – Psicologia e Educação em março de 2008.

por outro lado gera um mal – estar interno, que torna as pessoas insatisfeitas e sempre em busca de outras motivações. (SOUZA, 2008)

Freud faz uma analogia entre o desenvolvimento individual e o social e considera a ética como um dos domínios do SUPEREGO cultural que rege as relações entre os indivíduos. O SUPEREGO individual coincide com o SUPEREGO cultural predominante. (SOUZA, 2008)

Portanto, de acordo com essa teoria, somos o que nos é determinado culturalmente ser, pois, caso contrário, estamos desobedecendo ao nosso SUPEREGO, e com isso seremos punidos por ele. A culpa leva ao controle de nossas ações sociais.

Apesar de todo esse controle interno e externo, a agressão mútua entre dois indivíduos é algo que está a cada dia mais explícito. A ansiedade, inquietação e infelicidade do homem revelam que, apesar de toda essa tentativa de controlar e refrear esse instinto destrutivo, beiramos a catarse do ser humano.

Freud usou-se de seu método de análise para desenvolver seus estudos, que muito contribuíram para a psicologia, entretanto, sua teoria foi destrinchada e interpretada de novas formas. Para ajustarmos a sua aplicação, alguns pontos foram modificados, outros enfatizados, o que a tornou mais acessível a realidade.

Para Winnicott (1896 - 1971), a psicanálise é um método e uma ciência que trata do desenvolvimento emocional do indivíduo. Nós consideramos seus estudos neste trabalho como uma forma de ampliar nossa visão sobre a psicanálise, aproximando-a de nosso cotidiano.

Winnicott (2005) fala sobre a necessidade de vivermos a destruição para que através do sentimento de culpa possamos transformar um comportamento destrutivo em construtivo. Logo, não devemos inibir o comportamento agressivo, mas sim trabalhá-lo da melhor forma possível, através da reflexão e conscientização das ações do sujeito.

O desenvolvimento emocional do indivíduo depende desse ciclo acima. Ele usa a palavra “integração” para definir a condição de uma pessoa que passou por essas etapas com sucesso. Uma pessoa integrada consegue assumir total responsabilidade por suas idéias e sentimentos.

Neste processo, o autor explica a importância para o paciente de ter a oportunidade de contribuir, logo que, o ciclo ajuda-o a aceitar a destrutividade. É fundamental entendermos como funciona o sentimento de culpa, para conseguirmos transformar as ações destrutivas em construtivas.

A agressividade não é ruim, é necessária. Mas ela passa a ser nociva quando

perdemos o controle sobre sua manifestação e passamos a prejudicar nosso próximo. Os atos violentos derivam do comportamento agressivo desregrado. Tanto a falta de limite quanto o excesso de autoridade impedem o reconhecimento do comportamento destrutivo, tratado na abordagem psicanalítica de Winnicott.

Sabemos que nossa estrutura emocional é formada a partir do nosso nascimento. Winnicott (2005) defende a importância da família no desenvolvimento emocional de um ser humano. A conduta da mãe nos meses que antecedem o nascimento do bebê e nos primeiros meses após o seu nascimento contribui muito para seu desenvolvimento emocional.

Importante reforçar que o autor trabalha bastante com a relação mãe – bebê, mas não descarta a importância do papel do pai nesse processo. A revista *Mente e Cérebro* (2004) traz uma compilação dos principais pontos das obras de Winnicott, o que facilita o seu entendimento. Logo abaixo, há alguns pontos extraídos de sua edição especial sobre o psicanalista em questão.

Nos primeiros meses de vida ocorre a fase de dependência absoluta entre mãe – bebê. A mãe e o bebê ocupam o mesmo espaço. Nós buscamos a segurança de nossas ações nesse vínculo afetivo inicial, pois a mãe forma o elo entre o bebê e o mundo. Inicialmente, o bebê, que ainda não possui um sentido de “eu mesmo”, empresta o ego da mãe para adaptar-se a realidade. Com a formação de seu próprio ego a casca vai, gradativamente, sendo removida.

Após essa fase vem a fase de dependência relativa, na qual o bebê ocupa um espaço separado da mãe. A criança se reconhece como ser, cria uma identidade, mas ainda depende da mãe. O pai nessa fase tem uma grande importância, pois por causa de sua presença a criança passa a desenvolver um novo comportamento com a mãe.

À medida que a criança cresce, sua dependência diminui e sua capacidade de confiar em si mesma aumenta. Nessa fase de transição ela apega-se a um objeto (objeto de transição), que, se tudo ocorrer bem, com o seu amadurecimento, naturalmente ela o abandona.

O objeto em questão pode ser desde uma fralda de pano, até um brinquedo, qualquer objeto. Esse objeto lhe dá segurança na ausência da mãe, e permite que o processo de separação mãe – bebê seja tolerado. A criança ama esse objeto, assim como o pode tratar de forma agressiva.

A participação dos pais é de suma importância no desenvolvimento emocional de seus filhos. Esse desenvolvimento é determinado em parte pela herança

genética, mas o meio externo é o mais importante facilitador desse processo. Winnicott defende que essas fases de transição são fundamentais para se alcançar a última fase, que é a independência.

Os estágios da infância são vividos de forma muito semelhante durante a adolescência, mas com uma maior intensidade. A rebelião durante essa fase corresponde à quantidade de liberdade ofertada a eles durante sua criação, e seu sucesso depende da qualidade do processo de seu desenvolvimento emocional e maturacional dos seus primeiros anos de vida, quando ocorre a estruturação de seu psicológico.

É uma fase de angústia e ansiedade. O corpo muda, tornando-se desengonçado, as exigências aumentam, meninos e meninas saem de um estado de dependência para o estado adulto, que, se tudo ocorrer bem em seu desenvolvimento emocional, será uma fase de independência.

Os adolescentes passam a enfrentar as situações e brigar por suas idéias. Mas essa é principalmente uma fase de confronto pessoal, e o papel do adulto é de enfrentar essas ações, e através desse enfrentamento mostrar-lhes a realidade.

A imaturidade é um elemento essencial no adolescente, que se cura com “a passagem do tempo e o crescimento para a maturidade que o tempo pode trazer” (Winnicott, 1989, p.157).

A imaturidade permite ao adolescente criar, descobrir sentimentos novos e desconhecidos, sonhar, ter idéias e agir por impulso. Winnicott (1989) alerta que a pressa não faz com que eles amadureçam. Queimar etapas e transferir responsabilidades que ainda não são deles não é um bom caminho, pois deste pode nascer uma falsa maturidade.

Até agora vimos como o desenvolvimento emocional se constrói, a formação da consciência, do seu próprio *self*, a importância da destruição para a reparação e, o comportamento anti-social como sinal de S. O. S, que nem sempre é assim percebido, a importância da fase da adolescência, e de viver essa imaturidade, que, com a passagem do tempo, se cura.

Winnicott (2005) também traz o conceito da “tendência anti-social”, que pode ser notado desde cedo em crianças, assim como entre os adolescentes. A tendência anti-social relaciona-se com uma privação, não resolvida, que geralmente ocorreu na infância e gerou uma lacuna em seu desenvolvimento emocional.

A privação é um sentimento de abandono, insegurança. A autoridade orienta e tranquiliza, ensina-lhes a controlar os impulsos, buscar limites, que quando não encontrados em casa são procurados fora dela, na esperança de recuperar essa segurança.

Nesse processo nota-se a importância da figura do professor no ambiente escolar, que passa a ser uma referência de autoridade para o aluno. Este, muitas vezes desafia essa autoridade em busca de limites que, se dados, permite-o recuperar essa lacuna em seu desenvolvimento emocional, e ele se acalma.

O psicanalista diz que caso a falha seja atribuída à mãe, a tendência anti – social mostra-se no ato de roubar, caso a falha seja atribuída ao pai, essa tendência anti-social revela-se em comportamentos destrutivos desestruturantes do indivíduo. Ambos os atos são considerados sinais de S. O. S, que, segundo Winnicott, enquanto esse sinal permanecer aceso ainda há esperança de reconstituir o caráter do indivíduo.

Mas, esses atos agressivos geralmente não são reconhecidos pela sociedade e os sujeitos passam da agressividade a delinquência. Ainda como um sinal de S. O. S, a delinquência indica que há esperança, mas se esse sentimento de segurança não chegar a tempo, ela torna-se uma doença.

O indivíduo que manifesta comportamento anti-social sob controle parece bem, mas vê na liberdade uma ameaça de loucura. Ele necessita de um controle externo de suas ações. Num processo de desenvolvimento normal, adquirimos no próprio lar a capacidade de controlar-se. Caso essa etapa do desenvolvimento não seja cumprida nem dentro, nem fora do lar, o indivíduo delinquente ficará a mercê do julgamento da sociedade que o encarcerará numa prisão.

2.2 A Escola, a Educação Física e a Violência

As regras sociais não nos permitem sairmos da norma. Foucault (1987) explica esse conceito em seus estudos sobre a sociedade. O poder disciplinar e a norma são conceitos importantes para a compreensão das nossas relações sociais. Em sua obra *Vigiar e Punir*, o autor trata desses conceitos, com base em exemplos de relações de poder de acordo com o espaço, com a hierarquia, com as punições e com o tempo.

A disciplina é o poder sobre o corpo do indivíduo, que o torna submisso, dócil, adestrado. Para tanto, Foucault (1987, p.118) diz que “em qualquer sociedade o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.”

O controle estabelecido sobre o corpo nas relações sociais determina sua

função. Os antigos colégios, não possuíam controle sobre seus alunos, devido a distribuição dos alunos em sala, e ao tipo de poder exercido pelo mestre. Com a implantação dessa nova instituição, a norma, houve uma organização do espaço escolar. Surgiram as filas e junto com elas outras regras de dominação que ajudaram a “engessar” os corpos dos alunos, disciplinando-os.

A escola, organizada sobre muitas regras e hierarquias, passa a ser um espaço compartimentalizado, onde cada um possui um lugar, de acordo com seu rendimento, buscando uma homogeneização entre os alunos de uma mesma turma. Os lugares individuais e a homogeneização da sala facilitam o controle sobre os indivíduos.

Mesmo na Educação Física, aula em que os corpos, grande parte do tempo, estão em movimento, houve um período de forte controle sobre corpos, em que foi caracterizado pelos movimentos calistênicos, na época do Militarismo, e Higienismo.

Quanto mais perfeita era a execução do movimento proposto, mais o aluno era valorizado pelo professor e pela turma. Hoje, se vê um reflexo dessa época, pois, apesar da proposta da aula de Educação Física ter mudado, ainda destaca-se o aluno com maior potencial para este ou aquele esporte ou com maiores habilidades física, como o mais veloz, o mais forte, o que pula mais alto ou mesmo o que consegue colocar o pé atrás da cabeça. A norma defende a perfeição dos corpos, tenta homogeneizá-los nos aspectos físicos e de rendimento. (FOUCAULT, 1987)

A disciplina aumenta a força produtiva desse corpo, tornando-o mais útil economicamente, e ao mesmo tempo ela diminui a sua força de contestação, dominando-o. Essa forma de organização celular reflete até os dias de hoje a facilidade de dominação da sala por parte do professor, assim como a dificuldade dos alunos de tornarem-se indivíduos autônomos.

A disciplina, segundo Foucault (1987), distribui os indivíduos no espaço, vigiando-os através de arquiteturas construídas para isso, esse tipo de arquitetura, feito para vigiar, chama-se panótipo. Escolas, conventos, quartéis, hospitais, fábricas e outras organizações são exemplos dessa arquitetura. O poder de vigiar é total, e as regras são obedecidas por medo das punições, que nascem para corrigir os possíveis desvios das normas, que tentam igualar os indivíduos.

O ensino, ainda hoje, é dividido em séries. Nas salas de aula, as carteiras são colocadas em fileiras, o que facilita ao professor a sua vigilância, e com isso, o tempo passa a render mais nas aulas, sendo ele melhor aproveitado e com maior controle.

Nas aulas de Educação Física o corpo apresenta-se mais livre, logo, tanto as

limitações quanto as potencialidades dos alunos ficam em evidência. Mas o espaço das aulas de Educação Física não deve ser considerado um espaço de lazer e recreação, pois essa disciplina faz parte do currículo escolar e possui um conteúdo de cultura e conhecimento corporal que deve ser trabalhado durante o tempo desta aula.

Bracht (2005), de acordo com conceito de disciplinarização e controle dos corpos trazido por Foucault (1987), fala sobre a introdução da ginástica na instituição escolar. Essa prática propõe a construção de um corpo ideal, segundo os padrões da época e obediente. O trabalho técnico é priorizado e na busca por um bom rendimento, na melhoria das condições físicas do corpo produtivo.

Por motivos históricos e culturais, houve uma desvalorização da EF como disciplina, no período militar. Segundo Oliveira (2003, p.106), muitos pesquisadores acreditam que a EF encontra-se em crise, pois, na época da ditadura o governo fez uso das atividades esportivas para distrair o povo e afastá-lo das decisões políticas. “O Esporte incentiva e potencializa o desenvolvimento do país”. A Educação Física foi um instrumento de poder do Estado dentro da escola.

A hegemonia do esporte é vista sob uma forma de poder de dominação na relação do Estado sobre a sociedade civil. Essa relação é favorecida por alguns aspectos como sua possibilidade de comercialização, seu caráter de espetáculo, a mídia e sua fácil veiculação, entre outros. Em nome de uma maior integração nacional, da melhoria da educação cívica, para preservar a saúde da população, melhorar sua qualidade de vida e promover seu lazer, o Estado manipula a população através do Esporte.

A história da Educação Física na época militar deixou marcas. Como conseqüências, sofremos uma discriminação por outras disciplinas. A EF, que tenta recuperar o seu espaço, a sua identidade como disciplina escolar. Além disso, mostra que possui também regras a serem obedecidas, e respeitadas, mas como disciplina escolar, que tem mais que o mundo do esporte para trabalhar, e muito a se ensinar sobre a cultura corporal e o movimento.

A partir da década de oitenta a Educação Física entra em uma nova fase. Livre do domínio médico e militar, alguns estudiosos discorrem novos significados para essa disciplina. Dentre eles, Freire (1994), que defende que a Educação do corpo (o que inclui o pensar e agir) deve ser completa e ter um significado. A melhor forma de aprender é movimentando-se. O trabalho com regras pode ser muito proveitoso nas aulas de EF, pois, não há como um jogo funcionar, por exemplo, se os participantes dele não se sujeitarem as regras. Quando o aprendizado passa a ter um significado, ele é reproduzido.

A sociedade nos submete a regras que tendem a homogeneizar os comportamentos dos seus indivíduos de modo a facilitar o convívio entre eles, mas com isso não leva em conta sua individualidade. A massificação da cultura está cada vez mais visível e a mídia colabora na veiculação das informações necessárias que devemos conhecer naquele determinado momento.

O modelo escolar tradicional ainda prega a homogeneização dos seus alunos, as fileiras ainda organizam-se da mesma forma, o que em sala de aula permite um maior controle deles. Isso fere o desenvolvimento emocional do indivíduo que passa a emitir, através de comportamentos agressivos, um sinal de que algo não está indo bem.

Na quadra, nas aulas de Educação Física, o corpo em movimento torna-se muitas vezes um problema. O controle exercido sobre os alunos é menor e nesse espaço muitos comportamentos agressivos podem nascer. A escola, como uma instituição de poder, pune e vigia esses comportamentos, mas não sabe lidar com eles, posto que eles tornam-se cada vez mais frequentes. A autoridade já não é o suficiente para resolver esses problemas, e a situação sai do controle.

A Educação Física segundo Dias (1996, p.27) “faz parte de uma prática coletiva que pode facilitar mudanças de atitudes e comportamentos”. Ela enfatiza o papel que a educação física exerce sobre o domínio da agressividade, liberada no gesto, ao poder de trabalhar com valores como a criatividade, a afetividade e a socialização entre os alunos. O papel do professor, segundo Dias, é o de facilitador de descobertas. Ele deve intervir na organização das estruturas ambientais e na orientação de certas atividades, dando a possibilidade do aluno se integrar e perceber por si mesmo os limites de suas ações. Logo, fazemos o papel de estimular no aluno uma consciência crítica, cabendo a ele decidir e tomar frente de suas ações. Essa intervenção, na educação física pode ser feita por meio de atividades cooperativas, que enfatizam a participação e trabalha a sua auto – estima.

O *bullying*, um dos tipos de agressividade mais presentes nas escolas, é um tema de abordagem recente pelos estudiosos das áreas da educação, psicologia e medicina, e, portanto, estabelece um vínculo direto com as condutas pedagógicas aplicadas pelo sistema educacional, assim como com o histórico do indivíduo, e com as relações e vivências no seu núcleo familiar e social, e também suas características individuais.

Bullying segundo define Lopes Neto (2005, p.165) é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que são executadas dentro de uma relação de poder. Elas ocorrem sem motivação e partem de um ou mais estudantes contra outro(s), podendo causar sérios problemas emocionais e de saúde na pessoa agredida, que somatiza os

sintomas projetando-os em dores físicas e barreiras emocionais difíceis de serem quebradas. “É uma afirmação do poder através da agressão.”.

Muitos são os fatores que contribuem para criar-se um ambiente nocivo nas escolas, o que afeta o aprendizado e a formação do aluno. Aqui pode-se citar os fatores psicológicos, os familiares, os amigos, a condição socioeconômica, a vizinhança, e os fatores circunstanciais. (FARRINGTON in: DEBARBIEUX e BLAYA, 2002).

A violência nas escolas, segundo Abramovay (2003), gera um sentimento de tensão e os alunos sentem-se mais vulneráveis. Assim, o ambiente escolar deixa de ser um lugar seguro para eles. A autora explica que o grau de violência varia de acordo com o estabelecimento de ensino, com o status de quem fala (professores, diretores, alunos), com o sexo e com a idade.

3. A pesquisa de campo

O tipo de pesquisa utilizado foi qualitativa, que, segundo Thomas, Nelson & Silverman (2007) é um tipo de pesquisa realizada principalmente em ambientes do cotidiano, portanto as escolas fazem parte desse contexto. Para eles o aspecto mais importante desse tipo de pesquisa é o conteúdo interpretativo, que busca compreender o quadro todo: o espaço, os protagonistas das ações e os figurantes das cenas.

Pelo fato desse tipo de pesquisa ser mais subjetivo, o pesquisador é o principal instrumento da coleta e da análise dos dados (THOMAS, NELSON, SILVERMAN, 2007 p. 299). Logo, dependemos não só dos dados coletados, mas da base teórica que carregamos para formular nossas hipóteses.

O projeto foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNICAMP. A escola acordou com os termos dessa pesquisa e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os termos entregue a escola encontram-se em anexo.

Para essa pesquisa qualitativa–descritiva foi feita de uma pesquisa de campo, por meio de observações das aulas de Educação Física de duas turmas de alunos da sexta série do Ensino Fundamental, de uma escola da Rede Pública da cidade de Campinas. As turmas observadas têm aproximadamente vinte e cinco alunos cada. Optou-se por trabalhar com a nomenclatura antiga, pois a escola em que foi feita a pesquisa ainda trabalha com ela. Foram realizados registros simultâneos aos eventos observados e não foram feitas intervenções durante as observações.

Registramos eventos em que foram observados comportamentos agressivos, buscando captar o que desencadeou esse comportamento, quais atitudes foram tomadas pelos envolvidos, se houve ou não participação do professor e como a situação foi resolvida.

A pesquisa realizou-se numa escola pública afastada da cidade, de estrutura física muito boa. Com paredes limpas, quadra poliesportiva coberta, salas de aula bem arejadas e com cortinas, refeitório e banheiro limpos e higienizados, e uma biblioteca com um bom acervo de livros, filmes, documentários e materiais de apoio didático.

Quanto às acomodações, uma crítica a fazer é relativa ao tamanho padronizado de carteiras para os alunos, que por ser uma escola que comporta o Ensino Fundamental e Médio, deveria rever essa questão. O tamanho das carteiras pode cultivar problemas posturais e ser uma das causas do mau comportamento por parte dos alunos que

apenas tentam, de uma forma ou de outra, “fazer servir uma roupa que não lhes cabe mais”.

A escola comporta turmas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, sendo que o Ensino Fundamental II funciona no período vespertino e o Ensino Médio no período matutino. Cada sala tem em média trinta alunos.

Quanto a Educação Física, a quadra encontra-se nos fundos da escola, bem em frente a janelas de algumas salas de aula, sendo o barulho das aulas na quadra uma questão bem relevante entre os professores, e muitas vezes motivo de discussão. O único espaço disponível para as aulas de Educação Física é essa quadra poliesportiva e coberta.

O acervo de material para essa aula é bem generoso, contribuindo para um bom desenvolvimento das atividades. Mas há uma questão social a ser enfatizada: o professor precisa “esconder” bolas, por exemplo, para poder dar suas aulas, porque os alunos dão “sumiço” nelas para poder depois brincar em casa segundo depoimento informal do professor docente.

Durante o período de observação ocorreram algumas lacunas, pois devido à greve de professores que aconteceu nessa época, a algumas emendas de feriados, e impossibilidade da presença do professor ou do pesquisador por motivos pessoais. Mas essas lacunas foram parcialmente preenchidas, estendendo-se o período das observações e não houve prejuízo para os resultados.

As observações foram feitas uma vez por semana durante as aulas de Educação Física, com duração de aproximadamente 50 minutos cada aula. Os dados foram coletados na hora, com a presença do pesquisador entre os alunos, mas sem interferência alguma nas aulas do professor de Educação Física.

A presença do pesquisador não causou tanto estranhamento entre os alunos, pois fiz o estágio obrigatório de licenciatura na mesma escola, no ano anterior. Já o professor, que era o único que sabia o tema da pesquisa, às vezes apresentou certo desconforto durante as aulas ao sentir-se observado. Ele revelou, num das conversas, uma preocupação em estar agindo ou não corretamente.

Durante as observações, anotava a mão os fatos de agressividade que me chamavam mais atenção em um caderno, e depois passava esses dados para um arquivo no computador, para posterior análise dos dados coletados.

No projeto inicial, foram previstas de oito a dez observações em cada turma, por dois meses, entretanto, em alguns dias não foi possível realizá-las, pois houve greve de professores ou ausência do professor de Educação Física por motivos pessoais. Logo, dessas dez observações conseguimos realizar apenas seis observações em cada turma, e o período

estendeu-se para um pouco além de dois meses, segundo necessário. Nos dias em que o professor se ausentou não houve substituição.

Não houve necessidade de entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos pais ou responsáveis, pois não houve nenhuma intervenção junto aos alunos, que somente foram observados em contexto de aula. Também os alunos, os professores entrevistados, e a escola, foram mantidos em anonimato, o que garante a privacidade dos participantes desta pesquisa.

Além das observações, foram feitas duas entrevistas semi estruturadas, uma com o professor de Educação Física das turmas e outra com a coordenadora pedagógica da escola, para ficarmos a par de seus respectivos pontos de vista a respeito do assunto do estudo e ampliar nossa compreensão a respeito dos comportamentos agressivos dos alunos e de como eles lidam com eles. De acordo com as normas de pesquisa foram entregues aos entrevistados o TCLE (em anexo). As entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise, tudo de acordo com o consentimento dos entrevistados.

4. Resultados

A agressão verbal foi considerada como toda agressão que parte das palavras, toca o emocional da pessoa e não o físico. Este tipo de agressão engloba desde apelidos pejorativos e preconceituosos que muitas vezes minam a auto-estima da vítima, até ofensas mais graves envolvendo família e outros xingamentos ou ameaças. Separamos em dois tipos, as ocorridas durante jogos competitivos e as percebidas fora do jogo.

Nota-se que as ofensas ocorrem mais durante o jogo, e principalmente entre os meninos. Alguns casos de agressão verbal entre as meninas foram registrados durante o jogo e nenhum caso fora desse contexto.

A agressão física, também foi dividida entre os dois períodos, de jogo e não. Este tipo de agressão diz respeito a toques, empurrões, chutes, socos, cutucões, beliscões, pisões no pé, puxões de cabelo entre outras, em que a fronteira entre os conceitos de agressividade e violência estreitam-se. Necessariamente ela tem contato físico.

A exclusão pelo colega ou a auto-exclusão são dois pontos que mostram como o comportamento agressivo interfere na vida escolar do aluno, que deixa de fazer a aula por uma agressão sofrida, e esta nem sempre é percebida como agressão pelo professor e pelos colegas. Garotos obesos, com algum tipo de limitação (como usar óculos), considerados menos habilidosos, são alvo fácil de gozação. Eles muitas vezes desistem de participar da aula, ficam num canto da quadra, ou numa posição que a bola não chegue a suas mãos para evitar maiores esforços.

As brincadeiras violentas são aquelas que levam o indivíduo à agressão física, pois sugerem uma falta de respeito com o próximo, e geralmente tem contato físico; os gestos provocativos, que são do tipo: mostrar a língua, fazer caretas, imitar o jeito da pessoa, fazer sinais com caráter humilhante. Esse tipo de comportamento foi mais incidente entre meninas da sexta série X.

Apesar de que algumas meninas façam parte desse quadro, talvez essas brincadeiras sejam uma diferença relevante na educação de meninos e de meninas. Shaffer (2005) relata que os pais brincam de forma mais agressiva com os seus filhos do gênero masculino, enquanto reprovam esse tipo de comportamento vindo de suas filhas.

Logo, uma questão observada também é quanto aos conflitos de gênero nas aulas de Educação Física, que são bem evidentes. Vimos que aspectos como força, velocidade, e outras habilidades nas quais os meninos, que recebem maior incentivo, e não por capacidades fisiológicas como muitos pensam, destacam-se.

O conflito de gêneros mostra-se um tipo de agressão bem pertinente e que aparece de forma mais freqüente na tabela. Por meio de muita ofensa verbal influencia diretamente no rendimento das alunas em quadra. Tratar de gênero não é o foco desse estudo, porém essa característica é tão saliente que não podemos deixar de citá-la.

O comportamento agressivo entre meninos é encorajado tanto no meio familiar e social quanto na escola. Nas aulas de EF fica nítido, culturalmente, que movimentar-se é coisa de menino.

O professor em conversa informal relata que as meninas não foram feitas para algumas atividades, como a de jogar bola, como os meninos. Ele acredita que meninas são mais delicadas, devem se preservar para suas futuras funções de mãe e dona de casa, que ele considera diferente da função dos meninos, mais bruta e viril. Sabemos que isso é uma construção cultural, e uma opinião pode reforçá-la ou transformá-la.

Desde pequenos, meninos vão para a rua jogar bola e correr, dessa forma, suas habilidades para jogar bola vão se desenvolver. Meninas geralmente brincam em casa e suas brincadeiras são mais paradas, logo suas habilidades serão menores mesmo. Quebrando a questão cultural, algumas meninas optam por brincadeira de bola e com isso elas ficam tão boas quanto os meninos nessa habilidade. Casos em que a menina se destaca jogando bola, o professor considera exceção.

Algumas meninas jogam com os meninos de igual para igual, já outras, tem medo da brutalidade e violência por parte deles no jogo, e preferem que separe as turmas. Durante as observações algumas aulas foram mistas, outras separadas. Nas aulas mistas houve reclamação do tipo: "– Professor, elas são lerdas. O jogo não rola assim." Nas aulas em que meninos e meninas eram separados, muitos ficavam do lado de fora da quadra esperando a sua vez.

O professor falava com orgulho dos meninos, quanto à habilidade e destreza ao lidar com a bola, e sua força de vontade para jogar. Enquanto durante o jogo as meninas ele ironizava muitas cenas, e comentava o quanto eles eram diferentes entre si nas habilidades e capacidades, jeitos de pensar, entre outras coisas.

No contexto de aula observou-se que meninos sentiam-se mais a vontade de ousar nos movimentos, jogavam mais bola, se movimentavam mais que as meninas. Os meninos que não se enquadravam nesse contexto eram discriminados e excluídos pelos colegas no próprio jogo, quando não passavam a bola a ele, por exemplo. Já com as meninas, o professor acompanhava de perto o jogo, pedia mais movimento e energia.

Geralmente o professor separava meninos de meninas. A divisão era feita ou por espaço ou por tempo de jogo. Nas aulas mistas se observou reclamações tanto por parte dos meninos quanto das meninas.

Como surgiu a questão de gênero após termos montado a entrevista, essa pergunta foi acrescentada depois. O professor acredita que os meninos possuem “pavio curto”, e por isso são mais agressivos que as meninas. Ele pensa ser a agressividade uma característica marcante do gênero masculino.

As observações e os estudos mostram que a agressividade independe do gênero, mas o tipo de agressão explícita (física e verbal) é mais notado em meninos, já a agressão das meninas é mais velada, portanto mais difícil de ser percebida, mas não menos cruel.

De acordo com Shaffer (2005) entre as meninas o tipo de relação mais comum é a relacional, que aponta mais durante a adolescência. Podemos supor que essa característica das meninas deve-se ao fator cultural, pois, assim como nas atividades físicas, sua forma de expressão é mais recatada que a dos meninos.

No período de observação dessa pesquisa seria mais difícil identificar o tipo de agressividade relacional, que é mais sutil e para isso precisaria de um acompanhamento mais próximo da turma.

Nota-se que algumas meninas se integram mais fácil que outras com os meninos. Mas as que sabem jogar bola bem são vistas pelos meninos de forma masculinizada. Já as outras reclamam de jogar com eles por acharem – lhes brutos de mais, e terem medo de se machucar.

Uma curiosidade que chamou atenção na estrutura da escola foi quanto à necessidade de diferenciar os banheiros, por gênero, ao atribuir aos azulejos destes a cor rosa para as meninas e a cor azul para os meninos, onde se reforça uma construção social baseada nas diferenças e determinismos relacionados ao sexo. Nesses detalhes que se reforçam os lugares do homem e da mulher na sociedade, o que vemos como um aspecto negativo, uma

imposição.

Num contexto de aula, além dos alunos observamos também o professor e sua conduta em aula. Consideramos que ações vindas do professor podem ser de grande influência para a formação emocional e moral do aluno, portanto devemos também olhar para manifestações agressivas por parte do professor.

As agressões verbais por parte do professor foram ou no ímpeto do jogo, ou a partir de comentários quanto ao gênero, como, por exemplo, ironias quanto a capacidade das meninas durante o jogo ou a explicação de algo. Devemos atentar que a questão de gênero pode ser reforçada por esse tipo de comentário feito pelo professor.

4.1 As observações

A partir da análise das observações das aulas de Educação Física detectamos alguns tipos mais frequentes de comportamentos agressivos, e os separamos em categorias. Optamos por organizar os dados em tabela (TABELA 1) segundo a série e o gênero.

Importante também é diferenciar o tipo de agressividade praticada nos jogos e fora deles. Shaffer (2005) as define como agressividade hostil e instrumental. A primeira é aquela em que o agressor tem a intenção de prejudicar ou machucar a vítima, e a segunda, é aquela em que o agressor causa danos a alguém, mas para chegar a um fim, sendo seu alvo a conquista de um objeto, de um lugar ou algum privilégio.

Por esse motivo, na pesquisa, há uma divisão entre os casos de agressões ocorridas durante e fora do contexto de jogo.

Tabela 1: manifestações agressivas observadas pelos participantes da aula de EF

Sujeitos/ Frequência de Conflitos ocorridos	6ª série X		6ª série Y		Professor	
	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
Agressão verbal	5				1	3 (ironias)
Agressão verbal durante o jogo	5	2	3			1
Agressão Física	4	1				
Agressão física durante o jogo	4	1				
Brincadeiras violentas	2	1				
Conflitos de gênero – comentários	2	2	2	1	1	4
Exclusão pelo colega	2	3				
Auto – exclusão do aluno	1	2				
Gestos provocativos	2	3	1			
Total	27	15	6	1	2	8

De acordo com os dados observados e organizados na tabela acima, a sexta série Y não apresentou casos de exclusão do colega, de auto-exclusão, de brincadeiras violentas, de agressões físicas num contexto geral e de agressão verbal fora do contexto de jogo. Mostrou-se em todos os momentos uma classe mais unida, que aproveita mais as aulas e se diverte mais também. Os casos de agressão verbal ocorreram durante o jogo, no calor da competição e por parte dos meninos.

Gestos provocativos, como fazer caretas, não resultaram em maiores conflitos entre os pares e foram pouco observados entre os meninos. Já os conflitos de gênero foram mais notados entre algumas meninas, que não gostam de jogar com os meninos devido a sua brutalidade, e no caso dos meninos, por acharem que elas são muito lentas e sem reação.

A sexta série X já esboça outro quadro. É uma classe muito competitiva, com muitos líderes, e bem diversificada. A agressão verbal está presente tanto entre meninos quanto entre meninas e tanto em situação de jogo quanto fora dela. Muitas ofensas partem de um para outro, e vence quem fala mais alto, ou quem é líder da turma.

Como proposta de aula, pode-se aproveitar da liderança de alguns alunos para trabalhar o respeito e a distribuição de funções entre eles. Cada um possui um papel dentro do grupo, e ainda que numa relação de competição, um depende do outro para realizar a tarefa e denotar um sentido na atividade proposta. A função de liderança perde o sentido quando não há quem liderar.

A atribuição de responsabilidades é uma forma de mostrar ao aluno bagunceiro que ele pode canalizar sua energia para algo positivo. O aluno mais bagunceiro pode receber a função de dividir os grupo e explicar aos colegas o jogo, por exemplo. Ou mesmo o professor pode colocar esse aluno como juiz do jogo, confiando a ele a palavra do resultado final.

As agressões físicas também aparecem tanto durante o jogo quanto fora dele, como brincadeiras de bater, que podem evoluir para um desentendimento maior. Durante o jogo as agressões são de bater, empurrar. Já fora desse cenário de jogo, elas vão desde golpes com objetos como estojo, até beliscões, empurrões e tapas na cabeça, que também se encaixam nas brincadeiras violentas.

Muitas vezes o que se iniciou com uma brincadeira de mau gosto, como puxar o cabelo da colega ou dar tapa no ombro do colega, evoluiu para uma agressão mais forte, pois passou a incomodar, não teve limites. Como resultado do que inicialmente começou como uma brincadeira, os indivíduos envolvidos podem sair bem machucados. Mas é uma boa oportunidade para conscientizá-los, após os ânimos estarem mais calmos, do respeito ao espaço do próximo e seus limites.

Na sexta série X, tanto meninos quanto meninas não tiveram muitos conflitos quanto ao gênero, pois há muitas meninas fortes e líderes. Mas um fato notável é a exclusão, que é mais forte entre as meninas. Elas isolam algumas meninas devido ao estereótipo, ou as habilidades físicas mais fracas. Esse fato corrobora com os dados da literatura que apontam que as meninas agredem mais indiretamente, por meio do que é chamado, como já visto, de agressão relacional e os meninos, agredem mais diretamente.

Muitas das alunas desistem de participar da aula, desmotivando-se. Entre os garotos a exclusão do colega se dá quando ele não joga bem, é “devagar”. E o caso de auto-exclusão foi porque esse aluno ficou bravo por terem derrubado-lhe no chão durante a atividade de correr.

Um caso observado foi de uma aluna que durante o jogo, numa boa posição para pontuar, pediu a bola para a colega. A aluna em questão era “gordinha”, mas habilidosa. Ainda assim, a colega, muito afoita, não passou a bola, mas também não chegou a seu

objetivo.

No fim das aulas, o professor organizava as turmas em fila para a volta para as classes. Essa era uma forma que ele encontrava para não causar tumulto nos corredores da escola.

Os gestos provocativos se resumem a mostrar a língua para a colega e fazer caretas, mas esse tipo de gesto quando se repete pode revelar uma intenção de bullying, por isso não podemos simplesmente relevar.

Quanto ao professor, ele está, constantemente, durante o jogo, tecendo comentários a respeito da agilidade, da força, da atenção e suas formas de interação em relação às meninas. Ele subestima as capacidades físicas de algumas alunas comparando-se com os meninos, que no jogo tendem a ser mais organizados e agressivos.

Como mediador de conflitos entre seus alunos ele revelou-se muito hábil, pois sempre que havia algum tipo de desentendimento ele conversava, separadamente, com os envolvidos e dava alternativas para eles refletirem sobre a situação, mas ao final, não tirava a autonomia para eles próprios resolverem o conflito.

A conduta do professor pode influenciar o comportamento dos seus alunos, que reproduzem seus gestos, pois eles o consideram um líder.

Num caso particular, a 6ª série X ficou um mês sem aula prática devido a uma aluna ter respondido ao professor, grosseiramente, após um acidente de aula que a machucou. Não podemos esquecer que o professor também é um ser humano, portanto apresenta da mesma forma reações agressivas quando ele sente-se ameaçado ou humilhado. Como consequência, ele revelou-se hostil com seus alunos, por meio do castigo a todos e de seus comentários irônicos.

O estresse da sala de aula, misturado com o calor e as cobranças nestes dias foi grande e os alunos também respondiam com agressão a esse castigo, pois, por causa de uma aluna, todos foram privados das aulas práticas de Educação Física.

A agressividade recebe, como já vimos, tanto influências internas quanto externas. Do meio familiar extrai-se a base da nossa estrutura emocional, e ela soma-se a outras influências que tiramos de nossas companhias (amigos, vizinhos). Muitas vezes a família e os amigos não dão conta de formar essa base, e a escola assume essa função.

Alguns professores são como pais para seus alunos. Mas não podemos atribuir somente à escola a função de educar. A escola nos deve fornecer meios para quando sairmos de lá possamos manter a nossa conduta, sem precisar obedecer a alguém ou ter medo de ser punido. Nossas ações precisam ter significados, serem pensadas, refletidas e ponderadas.

4.2 As entrevistas

Para completar a pesquisa fizemos duas entrevistas, uma com o professor que acompanhamos e a segunda com a coordenadora pedagógica da escola. As entrevistas como previsto foram gravadas e transcritas para posterior análise.

Abaixo seguem os pontos principais a serem considerados a cada questão feita:

Questão – Como você enxerga a questão da agressão/violência na escola?

Professor: “- Bom, considero cansativo, pois é difícil você lidar com trinta e cinco alunos conflituosos. Mas eu tento ponderar e descobrir o que acontece com eles. Quando eu percebo uma violência, sempre separo as partes envolvidas para uma conversa mais informal. É difícil, tratando-se de uma classe, pois dependendo dela, se for numerosa, às vezes eu não dou conta disso. Das duas classes que eu trabalho eu consigo controlar tranquilo.”

Coordenadora Pedagógica: “-... eu acho que a violência está em vários segmentos da sociedade, inclusive na escola. Ela não é diferente da violência que acontece na sociedade como um todo... Na escola, tem um agravante, por ser em jovens. Os jovens a princípio pensam menos no momento de agir. E por estar num espaço fechado, que prevê educação, é que isso fica ainda mais notável, chama mais atenção.”

Nas respostas acima fica claro que um deles enxerga a violência mais na prática e o outro de forma mais generalista, como um problema da sociedade.

O professor reclama do número de alunos por sala, um problema bem comum nas escolas públicas. Mas, ele mostra boa disposição na resolução dos conflitos que surgem entre seus alunos, atuando como mediador na resolução deles. Ele não deixa passar despercebido, e é muito importante a conscientização dos atos por parte desses alunos.

Na segunda resposta, ela praticamente isenta-os da culpa pelo fato de serem jovens. Acreditamos que os jovens podem ser mais ansiosos, devido à fase de transição psico-social que se encontram, mas isso não os impede de avaliar a consequência dos seus atos. Pensar no momento de agir é algo que deve ser construído desde a infância.

A violência está em todos os lugares, logo, na escola não é diferente. Concordo que ela fica mais evidente, não só por ocorrer num lugar fechado, mas, por este ser

um lugar em que o aluno deve se sentir protegido para aprender, inclusive quanto a refletir sobre suas ações, e não ameaçado e humilhado por suas limitações e/ou costumes.

Questão: E em suas aulas? Há manifestações de comportamentos agressivos/ violentos? Se há como são essas manifestações?

Professor: “-As manifestações violentas que eu vejo são verbais.”

CP: “-Depende muito do momento que a escola atravessa, do que está acontecendo lá e qual contexto ela está inserida. Eu já atravessei escolas que tinham violência verbal ou física de um aluno contra o outro. Mas nunca presenciei violência de aluno contra professor, até agora.”

As agressões verbais são as mais percebidas pelo professor e as mais frequentes mesmo, mas não são as únicas observadas na pesquisa de campo. Mas durante as aulas ele identifica as agressões físicas, quando há, e através de sua mediação, procura resolvê-los.

A coordenadora considera o meio externo, como grande influencia do meio interno, que é a escola. Não podemos deixar de considerá-lo, mas a escola também pode mostrar ao aluno novos caminhos. O aluno entra na escola com uma bagagem cultural de fora, mas lá, ele acrescenta informações e vivencia fatos que podem transformar sua vida.

É bom lembrar que a agressão verbal que ocorre durante o jogo nem sempre é vista como nociva, mas sim como um meio para se atingir um objetivo, que no caso é ganhar o jogo. Mas o professor deve intervir quando essa agressão passar a prejudicar o aluno em seu desempenho nas aulas, pois aí sim ela passa a ser nociva.

Questão: Você acha que nas aulas de Educação Física os alunos manifestam mais esses comportamentos agressivos/ violentos? Por quê?

P: “-Sem dúvida! Eu acredito que sim. Considero que o esporte é uma das atividades na Educação Física que aflora mais a violência, que tende a aguçar mais os ânimos. Ele mostra a competitividade, a questão de não saber perder e de querer ganhar. Creio que lidamos com isso mais do que nas outras aulas, mesmo quando essas acontecem em sala.”

CP: “- Eu não vejo os alunos manifestando esses comportamentos agressivos mais nas aulas de Educação Física. Pelo contrário, talvez por eles despenderem energia, ou por eles estarem num espaço mais livre, eu vejo isso acontecer menos. Acho mais estranho

quando isso acontece nas aulas de Educação Física. Se o professor trabalha bem as regras, se ele sabe como trabalhar em grupo, isso não costuma ocorrer. Mesmo num espaço mais livre e com mais contato físico, sob a regência de regras, considero que é menor a agressividade nas aulas de Educação Física.”

Dadas duas respostas bem diferentes, o professor, através de sua experiência prática, acredita que há maior grau de manifestação dos comportamentos agressivos nas aulas de EF. E contradiz o que a coordenadora fala quando relata que nos esportes, que possuem regras mais explícitas, por aguçarem a competitividade dos alunos, instiga mais os comportamentos agressivos entre eles.

Já a coordenadora pedagógica, vê a aula de EF como um momento de descontração, de “gasto de energia”, durante o qual, se houver controle do professor sobre o grupo, não haverá maiores problemas de conflitos entre os colegas. É possível que esse fato se dê desde que os conflitos não cheguem até ela, isso pode gerar a sensação que o conflito não exista mesmo. Além disso, alguns atos agressivos, como os decorrentes de situações de jogo, não são vistos como agressão propriamente dita pela maioria das pessoas.

Questão: Qual o tipo de agressividade predominante nas aulas de Educação Física?

P: “- A agressividade predominante é de um tirar sarro do outro colega pelo fato de ele não dominar “uma técnica”, por exemplo, ou pelo fato dele ser descoordenado, ou dele não ser o destaque das aulas de Educação Física.”

CP: - “... acho que ainda as verbais.”

Nessa resposta ambos concordam que as agressões verbais são as mais freqüentes, fato que está de acordo com a pesquisa de campo também. O professor relata que ainda há uma busca pela perfeição nos movimentos, associada a uma forte discriminação pelos que estão fora da norma.

É importante lembrar que a valorização do esporte na EF remete a cobranças nos resultados dos alunos durante os jogos. O esporte possui regras, que, se não cumpridas o jogo não se concretiza. Os gritos e as ofensas nem sempre são vistos com a intenção de fazer mal a alguém, e sim garantir um bom desempenho no jogo, mas há alunos que recebem isso de forma negativa.

Questão: Ela influencia na participação dos alunos?

P: “Influencia sim, bastante.”

CP: “- Eu não vejo isso, não considero esse um fator que possa atrapalhar não.”

Ser descoordenado, ou não dominar minimamente uma técnica exclui, automaticamente, o indivíduo do grupo, o que, muitas vezes, desmotiva o aluno a participar das aulas.

O desconforto nas aulas de EF é muito maior, pois ficam mais expostos tanto em suas habilidades quanto em suas dificuldades. Isso atrapalha, e muito, o aprendizado do aluno, pois ninguém pode obrigá-lo a se movimentar, e para que ocorra o aprendizado é fundamental que o aluno se movimente. Em relação a esse ponto a coordenadora demonstra desconhecimento do que ocorre na prática.

Questão: Em sua opinião, o que influencia os atos mais agressivos/ violentos?

P: “- Em primeiro lugar a mídia, depois os amigos, e por último a ausência da família, o que nessa escola ocorre bastante.”

CP: “-... um problema familiar muito específico e permanente; a disputa pelo poder, visto que o espaço é um ótimo lugar para quebrar regras, ou tentar quebrar regras; é o estranhamento com o outro, típico do ser humano em razão das diferenças culturais que a gente tem, de valores. Então é um ambiente muito propício para acontecer essas divergências e essas brigas...”

Novamente o foco da resposta do professor é de ordem mais específica, e o da diretora de ordem geral. Mas ambos concordam que a família exerce grande influência na manifestação dos comportamentos agressivos.

Muitas relações de poder estabelecem-se por meio de atos violentos. O respeito vem através do medo da punição, de sofrer a violência. As Influências externas como amigos, e mídia manipulam as ações conforme com o poder que damos a elas.

De acordo com Betti (2003) “As mídias estão em toda parte, e nos bombardeiam diariamente com milhares de imagens, palavras e sons”. (p. 92), então devemos trabalhar esse conteúdo com os alunos, despertando suas próprias críticas sobre os assuntos. Não devemos nos contentar com o que nos é oferecido pela mídia, devemos sempre buscar por mais informações.

Questão: Você acha que há determinadas atividades que favorecem a manifestação agressiva mais que outras? Cite exemplos.

P: “-Sim. O esporte, por exemplo, é um deles. As modalidades básicas como o futebol, o basquete e o handebol afloram mais essa violência.”

CP: “-Eu acho que não. Já vi situações nas quais simplesmente iniciam-se a montagem de um grupo e de repente sai uma discussão, quer dizer, não existe um fator específico que a desencadeie...”

O professor reforça sua opinião de que as modalidades tradicionais do esporte coletivo de competição são as que mais causam os atos de agressão entre os pares, mas essa agressão é a instrumental, e, geralmente ela se finda no próprio jogo. As regras não são a solução para resolver o problema da violência. Ao contrário do que acredita a coordenadora pedagógica, no máximo elas servem para disfarçá-los.

Situações de falta de respeito e exclusão surgem sim durante os jogos, assim como no convívio escolar, mas elas devem ser trabalhadas pelo professor, tanto de forma geral (coletivo), quanto específica (individual), de forma a serem refletidas e gerarem um significado.

Questão: Como você lida com as manifestações agressivas entre os seus alunos? Você intervém? De que forma?

P: “-Sempre tem que haver a intervenção do professor. E eu sempre me pergunto se estou pronto e preparado para essa intervenção. Inclusive penso se todos os professores e profissionais sabem lidar com essa intervenção, ou se eles sabem fazer essa intervenção. Eu me pergunto e me cobro muito. A minha intervenção, ela é correta? Eu vou citar um caso rápido de dois alunos que estavam caçoando do colega porque ele é negro. Eu coloquei os três pra conversar, sozinhos e fiz a minha intervenção. O resultado foi bom. O menino expôs tudo o que ele sentia de humilhação e revolta. Os dois que caçoavam dele o ouviram atentamente, depois eles conversaram e pediram desculpas, E a resposta que eu tenho é que não acontece mais.”

CP: “-... eu escuto as duas partes, porque não dá para saber quem começou. Na verdade, depois que já aconteceu, pouco importa quem começou a briga. O que importa é resolver tudo e fazer valer as regras da escola. Como a sociedade, ela é regida por normas, logo, temos que validar esse regimento, para que ele siga os seus deveres como aluno, que é não perturbar o ambiente escolar. Tudo traz uma consequência e ela vem de acordo com a falta cometida.”

O professor defende que sempre deve haver intervenção quando ocorre algum tipo de manifestação agressiva entre os seus alunos. Os conflitos não devem passar despercebidos, eles devem ser enfrentados e resolvidos sempre. Ele cita um exemplo de situação bem sucedida em que houve sua mediação. Isso fez com que os envolvidos no conflito refletissem seus atos, e entendessem o quanto prejudicial eles estavam sendo para seu colega.

A coordenadora, da mesma forma, também assume o papel de mediadora do conflito. Mas quase nunca ela está presente quando este ocorre. Ela acredita que tudo se resume a obedecer as regras externas, assim tudo fica mais fácil, mas a curto prazo. Ao sair da escola, essas regras perdem o sentido, e o aluno continua a agir como quer.

As ações, quando refletidas, assumem outra forma dentro de nós. Passamos a perceber o outro e a praticar o altruísmo. As regras dão uma base para a nossa organização, mas independente delas, nossos atos precisam ser refletidos.

Para entendermos melhor dialogaremos com Vinha (2007), que fala sobre a construção de valores morais. Para ela, o valor moral não está na obediência das regras, mas sim no motivo da ação. Conceitos de autonomia e heteronomia são expostos para ilustrar a diferença de ter haver um controle externo por simples aceitação de regras e ter um controle interno (autocontrole), que independe da situação ou pessoas, a conduta será linear. A autora relaciona um ambiente cooperativo ao desenvolvimento da autonomia e um ambiente autoritário ao desenvolvimento da heteronomia. A importância de ser autônomo é a assunção da responsabilidade pelos próprios atos.

Questão: A escola apóia suas ações? Você acha que a escola poderia trabalhar melhor esse tema? Como?

P: “-Sim, apóia. Eu acredito que sim, poderia. Já pensei em convidar profissionais de fora da escola para dar palestras que os instruem sobre o assunto, mas é interessante que, assim como os alunos, a família deles esteja presente para ouvir isso também. Eu acho que devemos trazer a comunidade para dentro da escola, e esse é um papel social da escola. Eu penso que devemos trabalhar junto com essas famílias.”

CP: “-Eu acho que deve e que isso tem que ser trabalhado.

É fundamental o apoio da escola nas iniciativas de trabalho como tema da agressividade e violência. Todos devem trabalhar para o mesmo fim. É um problema social, não individual, que vai além das fronteiras das escolas. Apesar disso, a escola é um lugar

ímpar para trabalhar esse tema, devido ao seu potencial transformador. Os entrevistados, ainda que discordem em alguns pontos, concordam que esse trabalho é importante.

Considera-se que o apoio da coordenação da escola é fundamental, visto que o poder de decisão está nas mãos dessa função. Além de palestras e trabalhos de integração entre os alunos, deve haver maior envolvimento dos pais nessa questão, pois eles devem ser instruídos sobre os danos causados pela agressão e violência na educação dos seus filhos e de como lidar com essas situações.

4.3 Análise geral

A violência e agressividade na escola observada nas aulas ocorrem tanto por parte dos alunos quanto dos adultos que, mesmo sem saber, são responsáveis por esse quadro. O professor está numa posição um pouco mais complicada, pois dele exige-se mais, sua conduta influencia diretamente seus alunos e suas ações podem favorecer ou não o comportamento agressivo dos estudantes. Sim, porque aí estabelece-se uma relação de poder, que Foucault coloca como fundamental na organização de uma sociedade.

Na entrevista, a coordenadora pedagógica coloca que a violência é um fenômeno social, mas que por estar enquadrada num espaço menor fica mais evidente. Ela não acredita numa violência da escola, e sim social, e que a escola como parte da sociedade a herdou.

A agressão verbal é unânime tanto nas observações quanto nas entrevistas. Mas há muitas palavras que são mais fortes que uma agressão física, ferindo ainda mais, e podem levar o aluno a desistir de suas atividades, minam sua auto – estima, reforçam-se as diferenças e muitas vezes o fazem desistir de seguir em frente, conformando-se.

As aulas de Educação Física apresentam maior exposição dos alunos, e lhes dão maior liberdade também. De acordo com as observações constatamos que ao ficarem mais livres, eles usam dessa liberdade para fazer tudo que em sala não poderiam fazer. Muitas brincadeiras partem de uma agressão física, mas nem sempre são vistas como um ato violento, nem mesmo pelos envolvidos, ou principalmente por eles.

Segundo o professor, há mais manifestações agressivas nas aulas de Educação Física que em outras aulas, principalmente em atividades de cunho competitivo,

como as modalidades básicas do esporte. A competição e a cooperação são condutas sociais adquiridas, na qual a primeira implica numa relação de dominação do ganhador para o perdedor, reprimido, que faz parte de uma sociedade em que vivemos e aceitamos, contribui para a exclusão, e possui relações verticais (monólogo), você não pode contar com a ajuda de outro e suas regras são rígidas. A segunda estabelece uma relação de ajuda mútua onde há maior participação e disposição para ajudar os companheiros, são mais capazes de cultivar atitudes positivas no grupo, as relações estabelecidas são do tipo horizontal, há maior produtividade, as relações de amizade são mais fortes, suas regras são dinâmicas e flexíveis, adaptam regras para que todos possam participar, priorizam a inclusão.

Já a coordenadora, contradizendo nossas hipóteses, considera que há menos violência nas aulas de Educação Física devido ao gasto de energia pelo movimentar-se dos alunos e as regras bem colocadas. Mas desde que as regras tenham um significado para os alunos, acredito que não haja dificuldades em serem obedecidas em qualquer tipo de aula. E quanto ao gasto de energia, é importante lembrarmos que o foco da Educação Física, como uma disciplina do currículo escolar, não é o gasto de energia, mas sim o aprendizado da cultura corporal.

Apesar de ela não ver manifestações agressivas nas aulas de Educação Física, considerando também que seu acompanhamento é à distância e raramente ela aparece nas quadras, ela diz que as agressões que predominam são as verbais e que de forma alguma influenciam na participação dos alunos. O que vimos que não é bem assim, pois o professor aponta que as agressões partem da falta de habilidades físico – motoras de alguns alunos, que levam apelidos e chateações dos colegas, criando um clima hostil na aula, e influenciando na participação dos alunos sim.

Nas observações vimos o caso de uma aluna, que várias vezes era excluída da atividade pelas colegas num jogo de basquete, saiu do jogo e se isolou na arquibancada, aguardando o término da aula. Bem observado pelo professor, por falta de habilidade física, por ela ser mais lenta nos movimentos, a bola mal chegava a suas mãos.

Além dos fatores internos, a agressividade é moldada por fatores externos. Uma das perguntas revela bem isso quando o professor aponta a influência da mídia, dos amigos e da ausência da família como três pontos que influenciam o comportamento agressivo dos alunos. A coordenadora aponta para pontos importantes também que são as relações de poder, a diversidade, o estranhamento do outro e o desafio de seguir regras, onde ela defende que é uma tentação a quebra dessas regras.

Quanto á intervenção do professor quando há uma situação de violência /

agressividade entre seus alunos o professor defende que esta sempre deve ser feita, mas sente-se inseguro quanto à forma de fazê-la. Sabemos que sempre conseguimos administrar a situação da forma correta, mas se nada for feito a consequência é ainda pior.

A coordenadora escuta as partes e age de acordo com a gravidade dos atos que os alunos cometeram, mas seu papel de autoridade mostra certo distanciamento dos alunos. Sem conhecê-los não acredito que seja eficiente essa intervenção a longo prazo, pois o tipo de obediência instaurado é heterônomo, obedece-se por medo do castigo e não por conscientizar-se da ação.

O professor acredita que a escola deve trabalhar essa questão de violência de forma mais próxima, trazendo as famílias para o ambiente escolar para não só conscientizar os alunos, mas todas as pessoas que tem algum tipo de influência sobre a vida deles. Já a forma da coordenadora ver esse trabalho e sempre ponderar as ações dos alunos e dar liberdade de escolha a eles, mostrando que todo ato possui uma consequência.

A escola deve ajudar o aluno a dar significado a suas ações. Muitos comportamentos, se refletidos, perdem o sentido de ser e não se repetem. O comportamento agressivo deve ser trabalhado pelos educadores.

O cuidado em conhecer cada um dos alunos ajuda a descobrir quando algum comportamento passa a ser nocivo no espaço de aula. Quando descoberto cedo, o comportamento agressivo/ violento é mais fácil de ser trabalhado, por isso deve-se procurar conhecer mais os alunos.

5. Considerações finais

A escola, que é uma das responsáveis pela formação social do cidadão, deve administrar os comportamentos agressivos, para que eles não perpetuem e não prejudiquem o desenvolvimento dos seus alunos.

Paulo Freire (1996), fala sobre uma educação pautada pelo diálogo e o amor. Ele lembra que ninguém está no mundo de forma neutra e se estamos preparados para intervir na realidade não devemos nos acomodar a ela.

A sociedade nos cobra e nos instiga comportamentos competitivos devido à sua estrutura, a qual prioriza vencer a qualquer custo. Assim, muitos fatores externos contribuem para criar-se um ambiente nocivo nas escolas, que afeta o aprendizado e a formação do aluno.

Essa pesquisa nos mostra a importância de considerar não só o coletivo, mas o individual, pois o aluno traz consigo toda uma bagagem cultural que deve ser levada em conta para entendermos seu comportamento. A família foi colocada como um fator de grande influência nas manifestações agressivas, pois tanto o excesso de castigos e punições quanto a falta de assistência influi no desenvolvimento emocional do indivíduo.

As manifestações agressivas ocorrem sim nas aulas de EF, elas são predominantemente verbais, mas há também as agressões físicas. O papel do professor na mediação dos conflitos é fundamental para que haja a conscientização das ações pelos alunos.

As atividades de cunho competitivo aguçam as manifestações agressivas entre os alunos. O trabalho com jogos cooperativos e de inclusão contribui para a integração entre os alunos. Tanto a competição quanto a cooperação deve ser trabalhada na escola, pois o aprendizado de ambas é importante para se viver em sociedade.

Outro ponto que devemos considerar é a carência de preparo dos professores para enfrentar situações de conflitos entre seus alunos. Essa falta de preparo faz com que eles fiquem inseguros quanto a melhor decisão tomar. Chamar atenção do aluno em frente aos colegas? Separar os alunos para uma conversa? Tirá-los da aula? Castigá-los?

Quanto ao gênero, as diferenças de habilidades são impostas pela cultura e não biologicamente. A identidade feminina é constantemente reforçada nos comentários, nos quais as mulheres são tidas como menos habilidosas e frágeis. Subestima-se assim a capacidade delas nas aulas.

Esses conceitos nos ajudam a entender melhor o público observado e seu comportamento quanto às manifestações agressivas. No início da puberdade eles tornam-se instáveis e precisam de limites para uma formação emocional adequada ao modelo esperado por esta sociedade. E falando em sociedade não podemos deixar de citar Foucault. Ele traz a idéia de que é necessário que haja um mecanismo de poder que dê conta de vigiar e punir as pessoas. Tratamos até agora, pela psicanálise, da agressividade como um fator afetivo, ligado ao desenvolvimento emocional. Mas como estamos lidando com uma instituição social que é a escola, não pudemos deixar de citá-lo.

A Educação Física que expõe o aluno, também é um espaço privilegiado para a integração e o trabalho coletivo entre os pares. Ser agressivo faz parte do ser humano, mas há níveis diferentes de agressividade. Há tanto fatores internos quanto externos que influenciam essa emoção.

A Educação Física escolar é um espaço bem ímpar quanto às outras disciplinas, pois neste momento o aluno sai do engessamento das salas de aula para um espaço aberto, no qual o corpo se mexe para aprender. Considerando a homogeneidade do ensino escolar, o corpo em movimento passa a apresentar diferenças nem sempre bem vindas, passa a ser heterogêneo dentro do padrão escolar. Movimentar-se é “perigoso”, gera muita resistência entre os professores desta disciplina e das outras

Assim como os professores têm resistência à disciplina de Educação Física, alguns alunos também a tem, pois eles encontram-se mais expostos, salientando-se, dessa forma, as suas diferenças tanto de limites quanto de potencialidades. Mas por esses e outros vieses a Educação Física é uma disciplina ainda pouco explorada e acredito que pode contribuir e muito para o desenvolvimento moral dos alunos.

O professor é um modelo para seus alunos, e pode transformar a vida de muitos deles. Para isso conhecê-los é fundamental. Saber como intervir também. O apoio da escola é muito importante, é preciso ter coerência nas ações para que elas sejam eficazes.

Muitos comportamentos tidos como “naturais” revelam um teor agressivo. Como algumas brincadeiras, que começam com tapinhas e depois evoluem para empurrões e socos, uma briga.

A escola pode trabalhar melhor esse tema através de palestras e outras atividades de integração, deve haver maior envolvimento dos pais, que devem estar ao par dos conflitos existentes e instruídos dos efeitos da violência na educação de seus filhos. Essa iniciativa de trabalho com a agressividade deve ter o apoio dos professores e principalmente da coordenação, que tem mais poder para tomar as decisões na escola.

Consideramos que uma boa forma de trabalhar a agressividade nas escolas é através da empatia. Será que ao imaginar-se no lugar do outro antes de lhe causar algum dano o individuo reflete mais sobre suas ações?

As respostas sobre a melhor forma de lidar com a agressividade e a violência não estão prontas e dependem muito da sensibilidade e preparo de cada um. Mas as pesquisas podem ajudar desconstruindo o contexto para podermos reconstruí-lo de uma forma mais organizada e menos nociva a sociedade e ao ambiente escolar.

Uma palavra, uma ação, uma mão dada pela escola na educação desses meninos e meninas pode transformar o rumo da vida deles. Lidar com educação é lidar com vidas, que desajustadas ou não podem encontrar sua solução na figura de um educador.

Referências

AQUINO, Júlio Groppa (Org.). *Indisciplina na Escola – Alternativas Teóricas e Práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

_____. ARAÚJO, ULISSES F. *Os Direitos Humanos na Sala de Aula: a ética como tema transversal*. São Paulo: Moderna, 2001.

ABRAMOVAY, Míriam et al. *Escola e Violência*. Brasília: UNESCO, UCB, 2003.

BETTI, Mauro (Org.). *Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2003.

_____. *A janela de vidro: Esporte, televisão e educação física*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

BRACHT, Valter. *Pesquisa em Ação: Educação Física na Escola*. 3. ed. Ijuí /RS: Ed. Unijuí, 2007.

_____. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (Orgs.). *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília: UNESCO, 2002.

_____. *Violências nas escolas – dez abordagens européias*. Brasília: UNESCO, 2002.

DIAS, Kátia Pereira. *Educação Física x Violência – Uma abordagem com meninos de rua*. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1996.

FANTE, Cléo. *Fenômeno Bullying – Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*; 2. ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FILMUS, Daniel et al. *Violência na Escola: América Latina e Caribe*. ABRAMOVAY, Míriam (Org.). **Título do livro**. Brasília: UNESCO, 2003.

FOCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GUIMARÃES, Áurea M. *Vigilância, Punição e Depredação Escolar*. Campinas: Papirus, 1988.

LOPES NETTO, A. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *J. Pediatra*, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005. Suplemento.

LOURO, GUACIRA LOPES. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARTINS, J. R. Vieira; DE SOUZA, N. H. Bicarinho; MARTON–LEFÉVRE, Julia. *Educação para a paz e direitos humanos*. Brasília: Presidência da República, Secretaria Geral, 2008.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. *Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

SHAFFER, David R. *Psicologia do Desenvolvimento: infância e adolescência*; tradução de Cíntia Regina Pemberton Cancissu. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2005.

WINNICOTT, Clare (Org.). *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott*; tradução: José Otávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 1994.

WINNICOTT, Donald W. *O Brincar e a Realidade*. tradução José Otávio de Aguiar e Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. *Tudo Começa em Casa*. tradução Paulo Sandler. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Privação e Delinquência*. tradução Álvaro Cabral. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ANEXOS E APÊNDICE

ANEXO A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido à Direção da Escola

À direção da escola E. E. Primeiro Grau Prof. Francisco Álvares:

Eu, Alessandra Mesanelli Busch, aluna de graduação de Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), estou realizando minha pesquisa de iniciação científica e monografia sob a orientação da Prof.a Dr.a Elaine Prodócimo, cujo o título é **“Análise das manifestações agressivas nas aulas de EF do ensino fundamental II”**. Ela tem por objetivo analisar as manifestações agressivas nas aulas de Educação Física e como o tipo de aula influencia nesse comportamento e a atitude dos professores em relação a elas. Pretendo realizar esse projeto com alunos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II. Visto que as manifestações agressivas têm sido causa de grande alarde nas escolas e na nossa sociedade atual, que revela uma grande hostilidade em suas relações interpessoais. Esse estudo tentará ilustrar situações reais passadas na escola, onde a agressão está presente, e, a tempo de se corrigir podem evitar maiores danos á sociedade.

Para isso, serão feitas somente observações das aulas de Educação Física, sem intervenção do pesquisador na dinâmica da aula e também serão feitas entrevistas a alguns professores. Essas entrevistas serão semi-estruturadas, gravadas e transcritas sem haver intervenção nas respostas dadas. Todos os envolvidos na pesquisa serão mantidos em anonimato, bem como a escola, também não serão produzidas ou divulgadas imagens dos sujeitos. A pesquisa não apresenta riscos ou ônus para nenhum dos envolvidos e, a qualquer momento ambos (professores, alunos e escola) são livres, se assim desejarem, para desistirem da pesquisa, sem que isto acarrete algum prejuízo ou represália. Neste trabalho não haverá custos para nenhuma das partes envolvidas.

Declaramos estar à disposição dos entrevistados e da instituição para quaisquer esclarecimentos antes, durante ou após a realização da pesquisa.

Dados do Comitê de Ética –
Comitê de Ética em Pesquisa – UNICAMP
Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
CEP: 13084-971 Campinas- SP.
Fone: (19) 3521-8936
cep@fcm.unicamp.br

Dados da pesquisadora –

Nome: Alessandra Mesanelli Busch (Graduanda)
E-mail: alessandra.fef05@gmail.com
Telefone: (19) 92874979

Dados da orientadora da pesquisa –

Nome: Prof.a Dr.a Elaine Prodócimo (Orientadora)
E-mail: elaine@fef.unicamp.br
Faculdade de Educação Física
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Declaro estar ciente dos objetivos da pesquisa "Análise das manifestações agressivas nas aulas de EF do ensino fundamental II" e concordo em participar desta, entendendo que a mesma não apresenta riscos físicos e morais aos sujeitos e à escola, e assim que desejar posso me retirar do estudo sem quaisquer prejuízos.

Nome: _____ RG: _____

Assinatura: _____

ANEXO B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Professores

Aos professores da escola E. E. Primeiro Grau Prof. Francisco Álvares:

Eu, Alessandra Mesanelli Busch, aluna de graduação de Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), estou realizando minha pesquisa de iniciação científica e monografia sob a orientação da Prof.a Dr.a Elaine Prodócimo, cujo o título é **“Análise das manifestações agressivas nas aulas de EF do ensino fundamental II”**. Ela tem por objetivo analisar as manifestações agressivas nas aulas de Educação Física e como o tipo de aula influencia nesse comportamento e a atitude dos professores em relação a elas. Pretendo realizar esse projeto com alunos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II. Visto que as manifestações agressivas têm sido causa de grande alarde nas escolas e na nossa sociedade atual, que revela uma grande hostilidade em suas relações interpessoais. Esse estudo tentará ilustrar situações reais passadas na escola, onde a agressão está presente, e, a tempo de se corrigir podem evitar maiores danos á sociedade.

Para isso, serão feitas somente observações das aulas de Educação Física, sem intervenção do pesquisador na dinâmica da aula e também serão feitas entrevistas a alguns professores. Essas entrevistas serão semi-estruturadas, gravadas e transcritas sem haver intervenção nas respostas dadas. Todos os envolvidos na pesquisa serão mantidos em anonimato, bem como a escola, também não serão produzidas ou divulgadas imagens dos sujeitos. A pesquisa não apresenta riscos ou ônus para nenhum dos envolvidos e, a qualquer momento ambos (professores, alunos e escola) são livres, se assim desejarem, para desistirem da pesquisa, sem que isto acarrete algum prejuízo ou represália. Neste trabalho não haverá custos para nenhuma das partes envolvidas.

Declaramos estar à disposição dos entrevistados e da instituição para quaisquer esclarecimentos antes, durante ou após a realização da pesquisa.

Dados do Comitê de Ética –
Comitê de Ética em Pesquisa – UNICAMP
Rua Tessália Viera de Camargo, 126
CEP: 13084-971 Campinas- SP.
Fone: (19) 3521-8936
cep@fcm.unicamp.br

Dados da pesquisadora –

Nome: Alessandra Mesanelli Busch (Graduanda)
E-mail: alessandra.fef05@gmail.com
Telefone: (19) 92874979

Dados da orientadora da pesquisa –

Nome: Prof.a Dr.a Elaine Prodócimo (Orientadora)
E-mail: elaine@fef.unicamp.br
Faculdade de Educação Física
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Declaro estar ciente dos objetivos da pesquisa "Análise das manifestações agressivas nas aulas de EF do ensino fundamental II" e concordo em participar desta, entendendo que a mesma não apresenta riscos físicos e morais aos sujeitos e à escola, e assim que desejar posso me retirar do estudo sem quaisquer prejuízos.

Nome: _____ RG: _____

Assinatura: _____

ANEXO C: Transcrição das entrevistas.

Professor de Educação Física turmas 6ª série X e Y.

Como você enxerga a questão da agressão/violência na escola?

R. Bom, é cansativo, porque você lidar com 35 alunos conflituosos é difícil. Mas eu tento ponderar, é...sei lá, descobrir a realidade, o que que ta rolando, o que que ta acontecendo, entendeu? Mas quando eu percebo uma violência sempre separo as partes envolvidas pra uma conversa mais informal. Mas é difícil, tratando-se de uma classe, dependendo da classe, se for uma classe numerosa, é difícil você dar conta disso, e às vezes eu não dou conta disso. Das duas classes que eu trabalho eu consigo controlar tranqüilo.

E em suas aulas? Há manifestações de comportamentos agressivos/ violentos? Se há, como são essas manifestações?

R. As manifestações violentas que eu vejo são verbais. Mais as verbais. As agressões físicas na minha aula nunca aconteceu porque eles sabem, desde o primeiro ano nós fizemos um acordo. Nem em momentos de jogo, nada, nada. Eles sabem, onde há uma consequência, alias, onde há uma ação há uma consequência e eles vão ter que dar conta dessa consequência, seja ela boa ou **ruim. Mas agressões verbais** há, acontece sim.

Você acha que nas aulas de Educação Física os alunos manifestam mais esses comportamentos agressivos/ violentos? Por quê?

Sem dúvida! Eu...eu acredito que sim. Não sei, eu tenho percebido que, por exemplo, o esporte é uma das atividades da Educação Física que aflora mais a violência, ou tende a aflorar mais os ânimos. Então aflora mais a competitividade, a questão de não saber perder, querer ganhar. Mais do que nas outras aulas, mesmo quando as aulas foram em sala.

Qual o tipo de agressividade predominante nas aulas de Educação Física?

A agressividade predominante é o colega tirar sarro do outro colega pelo fato de ele não dominar “uma técnica” por exemplo, ou pelo fato dele ser descoordenado, ou dele não ser o por aí dito suprasumo da Educação Física, entendeu?

Ela influencia na participação dos alunos?

Demais, influencia sim, bastante.

Na sua opinião, o que influencia os atos mais agressivos/ violentos?

A mídia. Eu colocaria assim: a mídia em primeiro lugar, ta; amigos em segundo lugar; e em terceiro a ausência da família, que nessa escola ocorre bastante.

Você acha que há determinadas atividades que favorecem a manifestação agressiva mais que outras? Cite exemplos.

Sim, sim. O esporte, por exemplo, é um deles. As modalidades básicas como: futebol,

basquete, handebol, são modalidades que afloram mais essa violência.

Como você lida com as manifestações agressivas entre os seus alunos? Você intervém? De que forma?

Sempre tem que haver a intervenção do professor. E eu sempre me pergunto: eu estou pronto e preparado para essa intervenção. Inclusive eu penso, será que todos os professores e profissionais sabem lidar com essa intervenção, ou sabem fazer essa intervenção. Eu me pergunto e me cobro muito. A minha intervenção, ela é correta? Eu vou citar um caso rápido de dois alunos que estavam caçoando do coleguinha porque ele era negro, porque ele é negro. Eu coloquei os três pra conversar, antes eu fiz a minha intervenção, e coloquei os três pra conversar sozinhos ta. Parece que surtiu efeito. O menino expôs tudo aquilo que ele estava sentindo de humilhação e de revolta e colocou tudo pra fora. Os dois que caçoavam dele ouviram atentamente, depois eles conversaram, pediram desculpas, E o feedback eu tenho assim, não está acontecendo mais, não acontece mais.

A escola apóia suas ações? Você acha que a escola poderia trabalhar melhor esse tema? Como?

Sim. Apóia. Eu acredito que sim, poderia. Olha, eu já até pensei em levar, em convidar profissionais de fora, mas não é só interessante os alunos ouvirem isso, a família tem que estar presente para ouvir isso. Eu acho que trazer a comunidade para dentro da escola esse é o papel social da escola também. É trabalhar junto com essas famílias, eu acredito nisso.

--

Coordenadora Pedagógica

Como você enxerga a questão da agressão/violência na escola?

Eu acho que a violência, quando se fala da violência na escola, ela não é diferente de tudo que ta acontecendo, vamos dizer, na sociedade como um todo. Então, como é que é a violência no trabalho? Como é que é a violência na escola? Como é que é a violência no trânsito? Sabe, eu acho que a violência, ela ta em vários segmentos da sociedade, inclusive na escola. E ela não é diferente pra mim da violência que ta, que acontece na sociedade como um todo. Eu acho que ela é, é...a gente nomeia então, nomeia a violência aqui, a violencia ali, mas a violência faz parte do contexto de todo ser humano, infelizmente. É que geralmente ela é gerada pelo que, por preconceito, por disputa de poder, ou por não aceitação de regras, estranhamento com relação ao outro, as diferenças de educação, e da dos meus valores. Então eu acho que a violência ela faz parte do todo né. Na escola tem um agravante por ser em jovens, e os jovem a principio, ele pensa menos, vamos dizer, momento de agir. E por estar num espaço fechado, num espaço que prevê educação é que fica mais gritante né, chama mais atenção. Mas eu não acho ela como um fenômeno assim sabe, você é um grupo, são pessoas, você é ser humano, sabe. E eu não vejo como um fenômeno quando acontece né. É, ela reflete, ela é parte do meio, e infelizmente vai ter. É parte, porque somos humanos, como eu te falei, porque estamos agrupados, no mesmo espaço, isso demanda poder, demanda, é ... a educação do outro, diferenças, entendeu. Então se você pegar a sociedade tem violência tantos lugares, tem na escola também.

E em suas aulas? Há manifestações de comportamentos agressivos/ violentos? Se há, como são essas manifestações?

Depende muito do momento que a escola atravessa, do que ta acontecendo naquela escola, que contexto ela está inserida. Eu já atravessei escolas que tinham. Chamam d violência, violência verbal, ou violência física de um aluno contra outro aluno. Eu nunca presenciei violência de aluno contra professor até agora, né. Mas eu vejo da maneira como eu te disse, eu acho que é, a escola é uma microsociedade, ela reflete a sociedade como um todo e que vão existir sim essas, esses problemas de violência, e como toda a sociedade ela tem que ser regida, a escola tem que ser regida por regras, por normas e que tem que ser feitas caber ali a punição né, com aquele que quebrou essas regras, quebrou o direito do outro.

Você acha que nas aulas de Educação Física os alunos manifestam mais esses comportamentos agressivos/ violentos? Por quê?

Eu não vejo alunos se manifestando mais nas aulas de Educação Física, pelo contrario, talvez por dispenderem energia, estarem num espaço mais livre eu vejo menos, acontecer menos, é mais estranho quando isso acontece nas aulas de Educação Física. Se o professor trabalha bem regras, trabalha em grupo, sabe. Mesmo estando num espaço mais livre e com mais contato físico, sob a regência de regras pelo menos, eu vejo menos agressividade nas aulas de Educação Física.

Qual o tipo de agressividade predominante nas aulas de Educação Física? Ela influencia na participação dos alunos?

Eu acho que ainda as verbais, as verbais.

Eu não vejo isso, eu não vejo que esse é um fator que chega a atrapalhar não.

Na sua opinião, o que influencia os atos mais agressivos/ violentos?

Ah, eu acho que é isso que eu falei pra você sabe. Quer dizer, eu não sou uma especialista no assunto mas eu penso assim, tirando oh, um problema muito especifico que não esteja passando que é familiar, eu acho que é a disputa pelo poder, sabe, o espaço é um ótimo lugar para se quebrar regras, sabe, ou tentar quebrar regras, é o estranhamento com o outro, típico do ser humano em razão das diferenças culturais que a gente tem, de valores. Então é um ambiente muito propicio, como a sociedade é, para acontecer essas divergências e essas brigas né. Mas por outro lado então, a escola, como representante da sociedade, ela tem que focar, que fazer valer os seus limites as suas regras. O que acontece, é consequência de eu ter a violação disso né. Que é isso que é importante mostrar.

Se eu tenho a violação de direitos que são iguais pra todos e que aquilo que conduz a sociedade de viver de uma forma pacifica e progressiva e em algum momento existe uma quebra disso, quer dizer, então quando existe uma briga, quando existem as desavenças, você impede o outro de estudar, você impede o outro de seguir a sua rotina de estudo na é? Então se você quebrou, existe uma consequência pra isso, e vamo fazer valer, que é assim que ele vai ver que na vida é assim, né. Senão seria um faroeste né. Quem sacou primeiro atira e morre, cabou né. E é por isso que as leis foram feitas né, pra tentar respeitar o limite do outro né.

Você acha que há determinadas atividades que favorecem a manifestação agressiva mais que outras? Cite exemplos.

Eu acho que não. Eu já vi situações que simplesmente inicia a montagem de grupo e de repente sai uma discussão, um bate – boca, quer dizer, não existe um fator específico que desencadeia né. Já vi alunos também que sem nenhum professor, por exemplo, em aula de Educação Física, se organiza numa atividade sozinho, sabe, se organiza, cronometram o tempo e fazem sozinho, sabe, sem a ajuda de um adulto.

Como você lida com as manifestações agressivas entre os seus alunos? Você intervêm? De que forma?

A agressividade, que aqui na escola é a indisciplina, ela não é muito da minha alçada. Eu não tenho a principio que lidar com elas, se precisar eu lido, tá, mas ela é cabe à diretora e ao vice – diretor da escola resolver, né. Caso aconteça de eu ser a pessoa disponível no momento pra resolver, é o papel de juiz, eu escuto as duas partes, porque não dá pra ir pelo principio de quem começou, né. Na verdade depois pouco importa quem começou a briga, importa que uma hora tem que termina e aí faz-se valer, como eu disse a escola, como a sociedade ela é regida por normas, então vamos fazer valer esse regimento. Pros deveres dele como aluno eu vou seguir as normas e o regimento né. Que é não perturbar o ambiente escolar, ele perturbou, eles perturbaram? Qual é a consequência de ter perturbado, né. Além de tirar do outro o direito de ter aquele momento de estudo. É suspensão? Chamar família? Reunir conselho? Aí vai depender de qual nível que aconteceu de agressividade.

A escola apóia suas ações? Você acha que a escola poderia trabalhar melhor esse tema? Como?

Ah eu acho que deve né, acho que tem que ser trabalhado né, tem que trabalhar. Amanha, por exemplo eu tenho que ir na sala do terceiro ano do ensino médio, porque se eles estão na quadra, os meninos querem jogar futebol, as meninas querem jogar vôlei, e eles não se entendem com relação ao tempo, porque eles querem descontar a chamada do professor, entendeu, então tem uma violação do tempo aí das meninas em relação ao uso, e então elas estão muito zangadas com isso né. Tem também um segmento machista aí no meio, porque jogar futebol é mais importante que qualquer outro esporte, qualquer outra atividade física. Então não adianta eu chegar lá e impor olha é tanto minutos e sabe nós vamos ter que colocar o problema, o problema é o tempo, sabe, quanto tempo o professor precisa estar em sala de aula antes de se dirigir pra quadra, quanto tempo vai sobrar pra cada um e como é que eles vão lidar com essa questão de tempo né. É eles que vão me trazer a solução. Tem esse problema, o que que vocês vão me trazer? Isso, se eles trouxerem a solução fica mais fácil pra todo mundo, amanha eu vou saber isso, entendeu. Que solução vocês me trazem aqui. Sabe, vai ser revezamento? Eles consideram que eles perdem mais tempo porque o professor tem que entrar na sala, fazer a chamada e daí a hora que eles vão abrir a quadra eles perderam dez minutos preciosos do futebol né. E então vai ter que ter um acordo, as meninas vão querer que desconte isso na segunda aula? Ou nós vamos fazer um revezamento aí? Vai iniciar a aula com vôlei e depois com futebol? Eles vão esperar esse momento? Então tudo isso aí eles que vão ter que lidar, vou deixar isso na mão deles, eu só vou anotar né. E eu espero que ocorra tudo bem.

Você acha a questão do gênero influencia muito nas manifestações de violência / agressivas?

Eu acho que o homem ainda é mais agressivo que a mulher, eu acho que sim. Isso é muito relativo, tem as exceções mas o menino pra partir pra briga, vamo dizer, ele é mais rápido, age em menos tempo, tem o pavio mais curto mesmo.

Há tipos de agressões diferentes entre homens e mulheres?

Eu não tenho visto nas escolas que eu passei agressão física de meninos, de homem para meninas, meninos para meninas, se existe é verbal, tá. E nem o contrario. Verbal existe tá, mas não é também tão, ainda se tem aquela coisa de o homem fisicamente se tem uma força que a mulher né, aí lógico tudo tem meninas que são enormes né, mas não é muito comum, eu nunca vi. Agora entre os gêneros iguais acontece. Mesmo física.

APENDICE A: Questões da entrevista

Como você enxerga a questão da agressão/violência na escola?

E em suas aulas? Há manifestações de comportamentos agressivos/ violentos?
Se há, como são essas manifestações?

Você acha que nas aulas de Educação Física os alunos manifestam mais esses comportamentos agressivos/ violentos? Por quê?

Qual o tipo de agressividade predominante nas aulas de Educação Física? Ela influencia na participação dos alunos?

Em sua opinião, o que influencia os atos mais agressivos/ violentos?

Você acha que há determinadas atividades que favorecem a manifestação agressiva mais que outras? Cite exemplos.

Como você lida com as manifestações agressivas entre os seus alunos? Você intervém? De que forma?

A escola apóia suas ações? Você acha que a escola poderia trabalhar melhor esse tema? Como?